

XANDRA LIA
As rosas que
o vento
leva

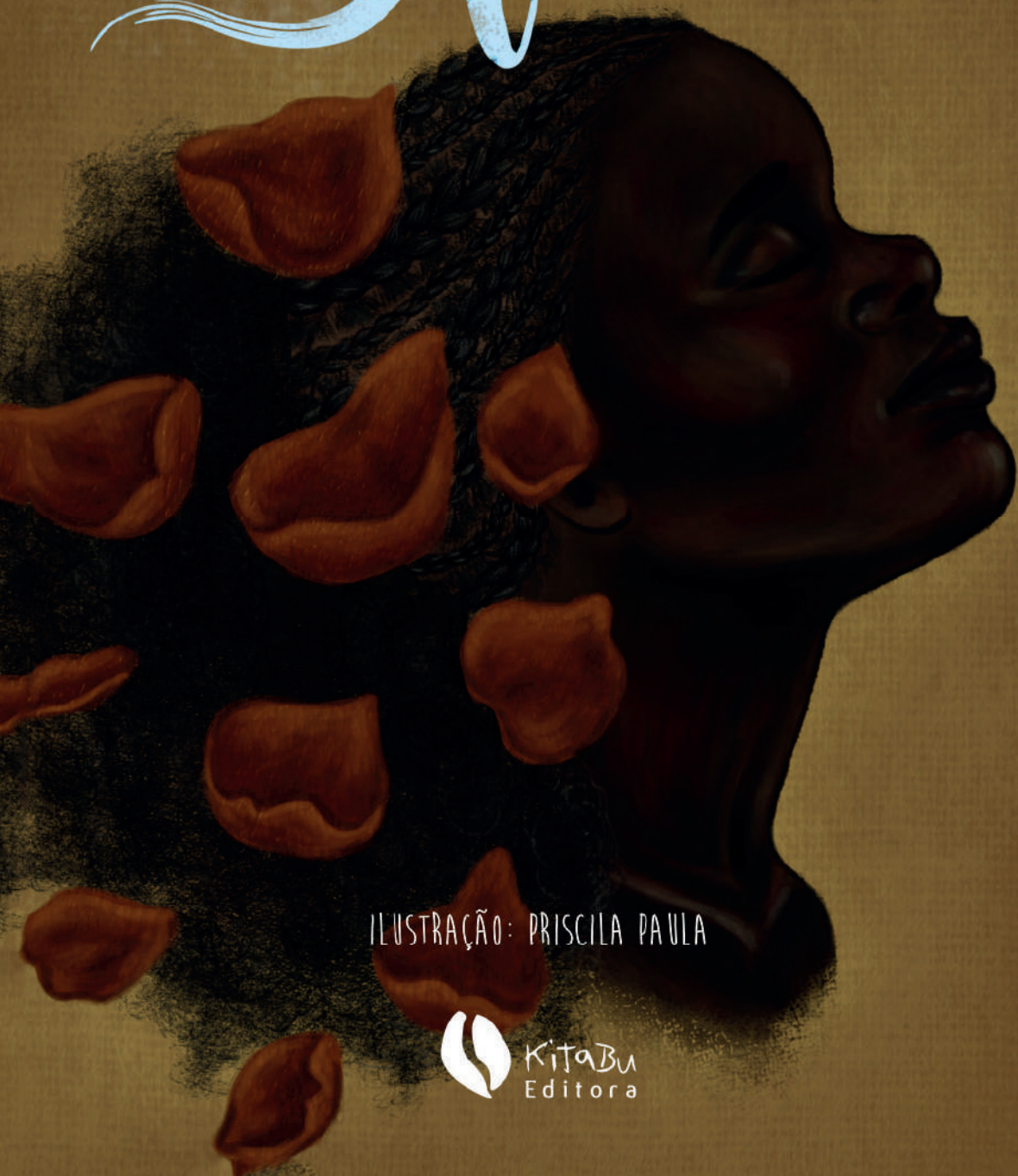


ILUSTRAÇÃO: PRISCILA PAULA



Kitabu
Editora

XANDRA LIA

As rosas que
o vento
leva

ILUSTRAÇÃO: PRISCILA PAULA



© Kitabu Editora.

2020

Todos os direitos reservados à Kitabu Editora.

ISBN 978-65-992380-0-0

FICHA TÉCNICA

Coordenação do Projeto: Fernanda Felisberto

Coordenação Editorial: Ricardo Riso

Projeto Gráfico e Diagramação: Márcia Jesus

Capa: Priscila Paula

Revisão: Ricardo Riso

Texto revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Proibida a reprodução, no todo, ou em parte, através de
quaisquer meios.

www.kitabulivrarianegra.com.br

kitabu@kitabulivraria.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lia, Xandra

As rosas que o vento leva / Xandra Lia. --

Rio de Janeiro : Kitabu Editora, 2020.

ISBN 978-65-992380-0-0

1. Família - História 2. Memórias 3. Negros -
Brasil 4. Silva, Alexandra Lima da I. Título.

20-44720

CDD-929.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Família : História : Memórias 929.2

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Prefácio

Quantas memórias um par de sapatos pode trazer?

Não só um par de sapatos, mas o cheiro de uma flor, as águas do mar ou o olhar distante de uma pessoa idosa.

Xandra Lia adentra estas memórias trazendo consigo a historicidade do povo negro brasileiro e, acima de tudo, a memória das mulheres pretas.

Assim como o vento leva, o vento também nos traz esperança de dias melhores. Aqui podemos mergulhar no mar de lembranças e manter firme a importância de ouvir nossas e nossos mais velhos, e honrar as histórias de nossos ancestrais.

As rosas que o vento leva é um livro para estar nas escolas, nas cabeceiras de cama de nossas filhas e filhos, e um livro para ser semeado pelo mundo afora.

Uma mulher negra com seu livro publicado torna-se infinita.

Caminhos abertos, *Xandra Lia*. Seremos as rosas que o vento levará a muitos lugares.

Raquel Almeida

Escritora e fundadora do Sarau Elo da Corrente – SP.



Nasci em 1980. Era um dia de festa, numa quinta-feira do mês de outubro.

Sou a última filha dos meus pais. Não vingou outra criança com vida depois de mim. Cheguei ao mundo no dia 16 de outubro de 1980. Este era o dia do aniversário de dois anos da minha irmã, cujo nome é uma homenagem à Alcione, importante mulher negra do mundo do samba, nascida no estado do Maranhão, assim como a minha mãe.

Adoro bolo, doces e festas até hoje. Como faço aniversário alguns dias depois do **dia de Cosme e Damião**, a alegria sempre esteve garantida. A doce imagem de correr pelas ruas com outras crianças à procura de doces povoa minhas lembranças dos tempos de infância.

Eu pegava doces na casa de vizinhos e nos terreiros de **candomblé** e **umbanda**. Esses eram, certamente, os melhores doces! Os mais generosos.

Eu nunca tive medo de terreiro, até porque passei meus primeiros dias de vida próximo ao “centro” da família. Minha avó paterna, que morreu quando eu ainda não era nascida, era “de santo”. Meu irmão mais velho era **Ogã**. Minha já falecida irmã mais velha, uma mulher negra corajosa, era mãe de santo e filha de **lansã**.

Ela morreu jovem, aos 33 anos. Lamento termos convivido

pouco em vida, mas conservo a imagem de uma mulher de luta e que enfrentava o preconceito para ser o que desejava e o que acreditava.

Intrigava-me o fato dela ter se tornado a cabeça do terreiro aos 20 anos.

Quando eu tinha 7 anos, parte da família se mudou para uma cidade no interior do estado do Rio de Janeiro. Depois daquela mudança, nunca mais vi minhas irmãs paternas. Foi lá que conheci a Tia Rosa e pelas mãos dela, me curei.

Não me esqueço do dia em que a encontrei pela primeira vez.

Por conta de uma caxumba, minha mãe me levou à casa de uma tia do meu pai, uma senhora negra e já bastante idosa.

Essa tia se chamava Rosa.

Mas a Tia Rosa não aparentava ter a idade que diziam que ela tinha, pois era bastante lúcida e suas mãos eram firmes, apesar de um pouco enrugadas.

Diziam que ela já tinha mais de 90 anos!

Mas como era impressionante a ótima memória da Tia Rosa! Ela se lembrava de tudo, com detalhes. Era uma espécie de superpoder. E eu sempre quis ser assim. Eu sempre quis ter algum superpoder!

Talvez por isso eu tenha tanto medo de perder a capacidade de me lembrar das coisas.

Mas eu nunca esqueço um rosto. Isto já é alguma coisa... Eu também gosto de contar histórias... Algumas lembradas, outras inventadas...



Tia Rosa era **benzedeira**. A única da vizinhança. Ela guardava os segredos ancestrais das ervas. Tia Rosa acreditava na cura pelo benzimento e no poder das ervas e dos banhos. E na cura pela reza.

Tia Rosa carregava o poder da cura nas próprias mãos. Cura para as dores da alma. Ela também dava conselhos. Era objetiva. Não tinha tempo a perder. Falava baixo. E apenas com um olho enxergava a aura das pessoas. Isso assustava alguns. Outros a respeitavam.

Confesso que tive um pouco de receio de ser benzida. Tinha medo de que doesse. Tinha medo de perder minha alma como nas histórias de Peter Pan. Ela dizia para eu não ter medo, pois eu iria me curar. Mas o medo povoava a minha imaginação naquele tempo. Eu acreditava que os mortos poderiam aparecer nos meus sonhos à noite se eu fosse benzida. Eu também tinha medo da própria Tia Rosa, porque ela era cega de um olho.

Como ela poderia me enxergar?

Mas eu tinha mais medo das sequelas da caxumba.

As pessoas diziam que eu não podia correr, pois se a caxumba descesse pelo meu corpo coisas horríveis poderiam me acontecer.

Diziam que se eu fosse menino, e a caxumba descesse, eu ficaria estéril e jamais teria filhos...

Eu chorava porque as pessoas corriam de mim quando eu chegava perto delas. Tinham medo de que eu passasse a doença para elas. Foi horrível sentir que as pessoas tinham medo de mim. E eu tinha medo da Tia Rosa. Mas a Tia Rosa, cega de um olho, parecia não ter medo de nada nem de ninguém.

Já na sua casa, eu tinha medo de que a colher quente da benzedura queimasse meu rosto frágil. Porém, eu também tinha medo de morrer de caxumba.

As mãos da Tia Rosa eram muito precisas. Fui levada para perto do fogão de lenha na modesta cozinha. Ela aqueceu uma colher de madeira no fogão de lenha e levou a colher aquecida ao meu rosto terrivelmente inchado e dolorido.



Senti um alívio.

Enquanto fazia o sinal da cruz no meu pescoço, ela falava uma benzedura em voz baixa:

– “Aquele que for assim marcada, deste mal será curado.”

E me dizia ao pé do ouvido:

– “Confie, menina, pois a mão desta velha cega já curou muita gente...”

No caminho de casa, meu pai, um homem negro de meia-idade e um tanto quanto cético, disse que quando ele era criança a Tia Rosa também o curou. Ele quase não nasceu com vida. Era um agosto chuvoso e foi pelas mãos da Tia Rosa que ele veio ao mundo, em 1938.

Eu fiquei me perguntando: então, além de benzedeira, ela também fazia partos?

Poderosa mesmo era a Tia Rosa...



Curei-me da caxumba. Fiquei bastante grata à Tia Rosa. E eu realmente queria encontrar um jeito de poder retribuir.

Minha mãe dizia ter muita pena da Tia Rosa, porque era uma mulher já com mais de 90 anos e que vivia sozinha numa casa lá no meio do mato.

Ainda segundo minha mãe contava, Tia Rosa era “tia” apenas de consideração, porque não era nossa parente de sangue. Ela

era, na verdade, uma grande amiga da mãe do meu pai, e essa amizade foi para a vida toda... Elas compartilhavam segredos, saberes e histórias da vizinhança e do povo do terreiro...

– Mas a Tia Rosa nunca se casou?, indaguei.

Minha mãe disse que sim, que a Tia Rosa foi casada duas vezes. Ficou viúva do primeiro marido apenas um ano depois do casamento, quando ela ainda era bem jovem. Com o marido do primeiro casamento, ela teve uma filha, Elisa. Alguns anos depois ela se casou novamente. Parece que com esse segundo marido as coisas não eram exatamente um mar de rosas.

Para piorar, o segundo marido tinha ciúme até do primeiro marido, já falecido... Ele era violento, e numa das agressões Tia Rosa perdeu a visão do olho direito. Depois deste dia, a Tia Rosa ele nunca mais a viu, pois ela fugiu de casa, carregando apenas alguns pertences. Ela precisou recomeçar a vida do zero.

– Mas, onde estão essa filha e esse segundo marido?

Silêncio.

Parece que a Tia Rosa sempre se emociona quando fala da filha. E ela não gosta muito de falar desse segundo marido...

Mas sobre o primeiro marido ela sempre falava.

Eles se conheceram no trem.

Tia Rosa gostava de dizer que foi no caminho de volta para casa após o curso de datilografia, numa sexta-feira, que esse moço negro, alto e muito bonito, com sotaque da Bahia e vesti-

do de branco veio perguntar-lhe a hora. Ela respondeu que era a hora de ele comprar um relógio. Por coincidência, ele passou sempre a sentar no mesmo vagão que ela, e conversavam durante o trajeto... E as conversas terminaram em casamento...

Ele era do mar, gostava de jogar no bicho e de rodas de samba.

Era filho de Oxalá. Rapaz trabalhador, sério e respeitador.

Ele foi à casa da família dela pedir em namoro... Depois de três anos, eles se casaram num cartório do subúrbio carioca, em um dia de muito calor. A festa foi celebrada num terreiro da Baixada Fluminense. A mãe de santo deste terreiro era a minha avó paterna. Rosa gostava de visitar o terreiro da minha avó uma vez por semana, e assim ficaram grandes amigas.

A Tia Rosa morou um tempo próximo à linha do trem, no Morro da Mangueira. Ela dizia que por isso a Mangueira era sua escola de samba de coração. Rosa gostava de ouvir Cartola numa antiga vitrola que ficava na sala. Sentada numa cadeira, fumava um charuto tendo *O mundo é um moinho* ao fundo... Ela simplesmente parecia sair da órbita da Terra, nesta espécie de ritual diário.

Num dia de muita chuva, eu caí e perdi meu sapatinho surrado no barro vermelho. Era um dia muito importante, pois eu iria recitar um poema na peça da escola.

Como eu poderia entrar na escola descalça?

Eu sempre tive esse pesadelo, que eu chegava descalça na escola e todos riam de mim. Mas agora eu não estava dormindo, estava realmente acontecendo!

Tia Rosa avistou a cena pela janela e me chamou.

– Corre aqui, Nininha, tenho um sapato que bem deve caber no seu pé!

E, pela segunda vez, as mãos dela me salvaram.

Com muita satisfação, ela me emprestou um sapato que guardava numa caixa cheia de pó. Era um sapato bonito, de couro, parecia antigo, mas muito bem conservado.

Hoje eu entendo que, pelo valor da peça, deveria estar num museu...

– Nininha, vou te emprestar esse sapato, mas você precisa me prometer que o trará de volta, limpo e engraxado. Vou te emprestar porque a escola é uma conquista do nosso povo. Nunca abandone a escola! Você precisa me prometer isso.

Eu não entendi muito bem o que ela quis dizer com a “conquista do nosso povo”, eu só queria saber se o sapato iria caber no meu pé... E, magicamente, coube!



Sobrevivi à pecinha... Apesar de ter esquecido quase todo o texto, algo sobre uma “sombriinha que a minha mãezinha me comprou para me proteger nos dias de chuva...”

Lembro-me de que as crianças riam, mas com a confiança que o sapato da tia me conferiu, sobrevivi à gozação infantil...

Eu realmente acreditava que o sapato era mágico, como no filme *O mágico de Oz*, e eu me senti a própria Dorothy, a diferença era que ela era uma menina branca... Eu, por exemplo, nunca tinha visto meninas negras fazendo papéis de princesa ou de protagonistas nos filmes, ou nos programas de TV... Só tínhamos a Xuxa mesmo, loira de olhos azuis, num país de maioria negra...

Ao chegar a casa, limpei o sapato com todo o cuidado, engraxei e fiquei pensando que a Tia Rosa bem que poderia me dar aquele sapato bonito, pois eu iria fazer muitos números de Michael Jackson com ele...

Depois de ter passado uma tarde inteira engraxando os sapatos da Tia Rosa, voltei a sua casa para devolver os preciosos sapatos, conforme nosso combinado. Eu também levei uns bolinhos de chuva que a minha mãe fez para ela como forma de agrado. As tardes eram muito mais felizes na companhia de bolinho de chuva!

Tia Rosa gostava muito de doces e disse que os bolinhos chegavam à boa hora, pois ela tinha acabado de passar um café, que descansava no bule perto do fogão de lenha. Enquanto eu apreciava o queimar da lenha e o cheiro da brasa, ela foi para

o quarto onde devolveu os sapatos para a caixa que ficava bem guardada no fundo de um armário de madeira.

Desapontada pelo fato de ela não ter me dado os sapatos, resolvi insistir, eu disse para ela que eu tinha gostado bastante deles, pois couberam muito bem nos meus pés e fizeram muito sucesso na escola. Eu era a menina com o sapato mais bonito da pecinha e até a professora quis saber como eu consegui um sapato tão raro e bem conservado.

Tia Rosa sorriu.

Elogiou o bom gosto da professora, pois se tratava de um sapato realmente raro, o qual não se fabricava mais, pois estava na família dela há muitos e muitos anos.

O sapato pertenceu à mãe dela, Francisca Antônia, e foi um presente para uma celebração muito importante.

Tagarela, eu a interrompi, pois logo achei que era a festa de aniversário ou o batizado de alguém... Daí ela me explicou que era uma festa muito maior, a festa mais importante na vida do avô dela e um dos momentos mais importantes da história deste país, que se ergueu com sangue e suor negro.

- Aposto que seus livros na escola não contam a história do nosso povo como eu vou te contar, ponderou a Tia Rosa.

Eu pedi, então, que ela me contasse a história dessa festa, porque eu gostava muito das aulas de História, mas que nunca falavam muito sobre festas nos livros, realmente...

Curiosa, retornei no dia seguinte, e ela me aguardava sentada na cadeira de balanço, com uma caixa de sapatos nas

mãos. Dentro da caixa havia recortes de jornal, fotografias amareladas e cartas, muitas cartas. Tudo tinha um forte cheiro de papel guardado há muito, muito tempo... Eu espirrei imediatamente por causa do pó dos papéis guardados.

E como num sopro, ela começou a contar a história da longa jornada da família dela e de como um simples sapato evocava lembranças, cicatrizes e marcas de um passado ainda muito presente... Tia Rosa disse que tinha orgulho de ser guardiã da memória da família. Mas ela também parecia um pouco triste, pois o avançar do tempo trouxe também a perda de muitas pessoas queridas, “levadas pelos ventos”, como ela dizia... Ser longeva é também ser solitária. É se acostumar com as despedidas e não ter medo da morte.

A voz cansada da Tia Rosa, a mão enrugada com a qual segurava um copo de café aqueceu as muitas histórias de luta pela liberdade que a partir daquele dia ela me contou...



– Nininha, meu avô sempre me dizia que ele nasceu num tempo em que proteger os pés com um sapato era privilégio. Um tempo de dor, pois pessoas negras poderiam ser vendidas e compradas por outras como se objetos fossem. E isso era muito triste, algo que não deve se repetir nunca mais na história da humanidade.

Notei que o sapato aparece em muitas fotografias da família. Era um belo sapato de couro, que foi meticulosamente desenhado pelo avô dela, Israel S., um homem negro que sabia muito bem o significado de nascer num tempo de escravidão.

– Meu avô me contou que levou alguns meses na confecção daquele sapato. Ele queria que a minha mãe calçasse algo especial naquele momento de grande celebração: a festa da liberdade!



O Brasil foi o último lugar das Américas a proibir a escravização de seres humanos. A nação, batizada com o nome de uma madeira, também foi a que mais traficou vidas do continente africano: milhões de pessoas, dentre as quais, mulheres

e crianças, foram sequestradas e trazidas para o Brasil, durante três séculos. A dispersão forçada, chamada de **diáspora africana**, separou famílias, destruiu sonhos e matou a esperança de muita gente.

A dona original do sapato foi a mãe da Tia Rosa. Nascida no mesmo dia em que se celebra a Independência da Bahia, Francisca Antônia nasceu em **2 de julho** de 1882, e era filha de um casal de escravizados: Israel S. e Antônia Botelho. Nasceu **ingênua**, uma vez que a **Lei do Ventre Livre** de 1871 estabelecia que as crianças filhas de mulheres escravizadas nascidas após aquela data seriam livres.

O sapato era um símbolo de distinção no mundo de pessoas livres, libertas e escravizadas. Era um item caro e para poucas pessoas. Apesar de não existir uma proibição na lei, na prática cotidiana, muitos senhores e senhoras não permitiam que pessoas escravizadas calçassem sapato. Mas, algumas, principalmente aquelas que viviam em centros urbanos como o Rio de Janeiro, conseguiam a permissão senhorial para o uso de um calçado.

Para muitas pessoas escravizadas, o sapato era também um importante aliado. Por isso, quando fugiam, muitas levavam belos trajés e, principalmente, um par de sapatos, como disfarce para pessoas livres ou forras. Além disso, sapatos confortáveis também ajudavam bastante caso precisassem correr pelas matas.

Era uma vida de muita correria. Pessoas escravizadas precisavam lutar de várias maneiras para sobreviver naquele mundo hostil e violento para que vidas negras existissem.

Na época do Brasil Império, crianças de pés descalços eram discriminadas e castigadas nas escolas, ora por serem pobres, ora por serem negras. O sapato era um desejo de consumo para muitas pessoas negras, pois era um símbolo da conquista da liberdade ou de alguma dignidade num mundo de extrema desigualdade, violência e opressões.

– Meu avô gostava de me contar que ele teve o privilégio de aprender um ofício. Quando menino, ele foi aceito como aprendiz do Mestre Benedito. O Mestre era africano e muito rigoroso e seletivo com os aprendizes. Foi graças à arte de costurar sapatos que Mestre Benedito conseguiu comprar a própria liberdade, contou-me Tia Rosa. E prosseguiu:

– Além de aprender o ofício de sapateiro, meu avô passava as tardes no centro da cidade. Ele dizia que trabalhava ao ganho. Vendia sapatos de couro exclusivos da oficina do Mestre Benedito. Por conta deste aprendizado, meu avô sempre andava bem calçado e com boa vestimenta. Ele sempre dizia que eu deveria cuidar muito bem da minha roupa. Mesmo que fosse apenas uma única peça, esta deveria ser bem cuidada porque dava muito trabalho costurar roupas e sapatos. Eu deveria honrar as mãos de quem fez as roupas que eu vestia.

Infelizmente, ainda no século XXI, há notícias sobre o uso de mão de obra escravizada na confecção de roupas e sapatos

neste mundo globalizado... Basta pesquisar na internet e nos livros para verificar que esse crime hediondo ainda é praticado.

Durante muito tempo, Israel S. não pôde presentear os seus entes queridos com sapatos feitos com material de qualidade. Ele aproveitava os restos dos sapatos que vendia para as pessoas ricas e dessa forma poderia criar os sapatos que a família dele iria calçar. A aparência por meio das vestimentas e dos calçados era algo que Israel S. valorizava bastante, pois ele acreditava que por ter sido escravizado, ter “boa aparência” no vestir-se seria uma estratégia de proteção contra o preconceito e a discriminação.

O curioso é que mais de 100 anos depois, eu também cresci lendo a cartilha da “boa aparência”: jamais deveria sair de casa desarrumada e sempre deveria levar comigo algum documento de identificação “para não correr o risco de ser enterrada como indigente”, dizia minha mãe.

Também deveria ter cuidado especial para não usar roupas rasgadas, pelo lado avesso, amassadas ou que parecessem sujas. Eu deveria sempre ir para a escola com os cabelos lavados, presos e com o sapato limpo “para não parecer, além de preta, pobre”...

Por isso que o sapato da mãe da Tia Rosa era tão especial. Era o sapato de uma família negra que lutou para estar presente na festa da liberdade. Foi um sapato costurado por mãos negras. Era o sapato da vitória. Um troféu.

A festa da liberdade foi um momento memorável para a “Família S”.

D. Antônia, a avó da Tia Rosa, era uma excelente costureira, e fez questão de fazer belos trajes de festa para toda a família. O filho caçula, Israel Jr., foi vestido de terninho e gravata. Já a pequena Francisca, à época com uns oito anos, usou um vestidinho branco bordado e com rendas feitas à mão. O vestido da avó de D. Antônia, a avó paterna da Tia Rosa, também era especial e elegante, e ela esteve presente com ele em outras celebrações, conforme pude perceber nas fotos antigas da família.

A festa da liberdade mereceu anúncio no Jornal **Gazeta da Tarde**. Com orgulho, a Tia Rosa me mostrou o recorte do jornal datado de 16 de maio de 1888, o qual dizia que Israel S., “o glorioso presidente da Caixa Emancipadora José do Patrocínio recebeu ilustres **abolicionistas** em sua residência, situada à Rua Luiz Durão, n. 75”.

Houve um brinde pela liberdade e leitura de poesia. Um jantar também foi oferecido às pessoas convidadas, com a presença de muitos libertos e libertas da escravidão.

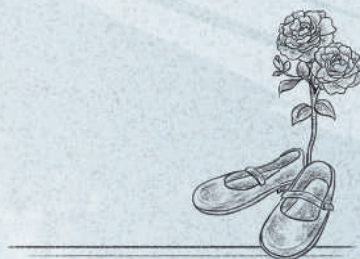
– Nininha, eu herdei esse sapatinho no dia da minha Primeira Comunhão, celebrada na **Igreja de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito** em 1908. Eu me lembro de que toda a família estava vestida de branco, e tinha muita gente. Meu avô já estava bastante grisalho, e fazia questão de tirar muitas fotos com os netinhos no colo.



E lá também estava o desejado sapatinho...

– Meu avô gostava de contar, com orgulho, sobre a importância daquele sapato, porque aquele sapato anunciava os novos tempos, com ventos de liberdade para todas as pessoas negras naquele país, narrava com orgulho a Tia Rosa.

O aniversário de 25 anos da abolição também foi celebrado. Era 13 de maio de 1913. Tia Rosa estava com 15 anos. Foi um momento importante na vida dela. A família já tinha crescido bastante, e a foto desta celebração foi a última para alguns membros da Família S.



A próxima herdeira do sapato foi Elisa, filha da Tia Rosa, nascida no ano de 1921. Ela também usou o sapatinho quando tinha 8 anos, na formatura do primeiro ano de escola. Diferente da mãe, Elisa não foi batizada na Igreja Católica.

Eram outros tempos, e a família já tinha mudado bastante... Alguns já tinham partido...

Foram muitas as mudanças desde o sequestro dos pais de Israel na terra natal deles. A história desta família negra que floresceu no Brasil tem suas raízes num lugar distante, separado de nós pela imensidão de um oceano, que de azul profundo se tornou vermelho, repleto de dor, repleto de sangue e almas da gente negra.



Tia Rosa me disse que o avô dela reunia os netos e contava as histórias da mãe dele...

– Meu avô contava que a mãe dele gostava de conversar. Ela sempre dizia que o Brasil em muito lembrava a terra natal dela, um lugar distante, separado de nós por um imenso azul chamado Atlântico...

Fazia sol quando a bela menina negra de olhos vibrantes nasceu, num reino chamado **Oyó**, numa família islamizada de fala **lorubá**. Oito dias após o nascimento, o sol era ainda mais intenso, e numa alegre celebração, a menina recebeu o nome Òdòdó, que significava flor.

Quando criança, Òdòdó gostava de brincar às margens do rio Obá. Ela gostava de criar bonecas de barro, que secavam rapidamente com a exposição ao vento e ao calor. E havia muita luz do sol na vila onde a menina cresceu. Òdòdó inventava muitas histórias com as exuberantes e coloridas bonecas de barro que ela criava. Além das bonecas de barro, ela também criava bonecas de tecido, preenchidas com mato seco.

E foi à beira de um rio que Òdòdó conheceu Seye, um menino que gostava de pescar.

Seye, cujo nome significava honrado, era alto, sério e aparentava ser mais velho do que realmente era. Seye pescava

para ajudar a família, mas também gostava de brincar com Òdòdó, que criou um boneco em sua homenagem. Com o tempo, Òdòdó foi prometida para ser esposa de Seye, pois este seria um ótimo casamento, do agrado das duas famílias. Quando Òdòdó completou a idade considerada apropriada para casar, uma festa celebrou a união dos noivos, que receberam pimenta da costa e búzios como presentes.

A anciã da família de Òdòdó a entregou à pessoa mais velha da família de Seye. A matriarca recomendou que Òdòdó não deveria apanhar e jamais passar fome no casamento, mas que deveria ser feliz e ter muitos filhos. E por um curto tempo, assim foi.

Seye saía todas as manhãs para pescar. Ele era um homem honrado e não deixava faltar alimentos para a família. Òdòdó costurava e cozinhava. Gostava de preparar moqueca de peixe com coco e camarão fresco servida com um delicioso purê de banana-da-terra. Os pratos preferidos de Seye levavam os frutos das águas.

E como eram poderosas as mãos de Òdòdó!

O cheiro da comida dela alegrava a todos que daqueles sabores provassem. Ela não revelava os segredos da boa culinária, transmitidos apenas para as mulheres da família.

Òdòdó aprendeu as misteriosas receitas com a sua avó, e ela jamais revelava tais segredos para qualquer um.

Foi por conta de um estranho enjojo que o cheiro da comida lhe provocava, que Òdòdó descobriu que carregava uma vida no ventre. Essa criança seria a primeira neta das duas famílias.

O anúncio de que as famílias iriam crescer foi a fonte de muitas alegrias.



O vento cantava alto e agudo quando a pequena Ayo nasceu. Era meio dia, e num dia sem sol, Òdòdó tornava-se mãe. O jovem casal escolheu o nome Ayo porque acreditava que o nascimento da filha traria muitas alegrias para toda a família. Ayo cresceu saudável, com expressivos e vívidos olhos negros herdados da mãe.

Ela aprendeu a falar antes dos nove meses.

Quando Ayo deu os primeiros passos, Seye saiu para pescar no mar e nunca mais voltou. Como um exímio pescador poderia ter se afogado?

O corpo de Seye nunca apareceu, mas Òdòdó nunca desistiu de por ele procurar.

Anos se passaram e Seye nunca retornou. Nem vivo, nem morto.

Òdòdó contou com a ajuda das mulheres da família na criação da pequena Ayo. Ela também trabalhava muito para ocupar o tempo: cozinhava, costurava belos trajes, plantava vegetais, inhame, quiabo, milho e criava animais para o sustento dela e da filha.

Òdòdó não sabia se era viúva, por isso se recusava a se casar novamente.

Não poderia desonrar a memória do marido, assim ela acreditava.

Outras pessoas da vila de Òdòdó também desapareceram misteriosamente. Havia muitas guerras em todo o entorno. A paz já não era mais presente na realidade daquelas pessoas. Migrar para outras terras mais seguras tornou-se uma necessidade.

E foi assim que a família de Òdòdó decidiu abandonar a vila à procura de segurança e paz em outro lugar.

Ayo tinha acabado de completar 5 anos. No meio da travessia, uma forte chuva separou o grupo. A jovem mãe decidiu abrigar-se com Ayo atrás das pedras, na esperança de que a chuva passasse.

Òdòdó acordou com os olhos vermelhos e com muita ardência. Não se lembrava de como fora parar ali. Provavelmente foi carregada, pois não se lembrava de ter caminhado. O cheiro era forte. Procurou por Ayo, que dormia encolhida ao seu lado. Havia outras muitas pessoas desconhecidas gritando em volta delas. Mas Òdòdó só queria saber como seria possível sair dali, como escapar daquele pesadelo que ela não entendia ao certo como começou. Estava desorientada, sem noção de tempo e espaço.

Apenas sentia o cheiro que, de tão forte, ardia os olhos. Ayo tinha fome. Chorava. Com o tempo, seu corpo pequeno e frágil começou a esquentar muito rápido. Era uma febre que não passava. Ela tremia de frio.



De repente, Ayo não mais chorou.

Agarrada ao corpo nu da mãe, Ayo esfriava. Òdòdó não entendia o que estava acontecendo. Teve esperança de que a febre tivesse passado e que a filha tivesse se curado. Ficou abraçada à pequena por algum tempo. Até que sentiu uma dor abrupta ao ter o corpo de Ayo arrancado do dela. A dor foi maior do que a sentida no parto. Ventava e fazia muito frio. A pequena menina teve o corpo sem vida e gelado jogado ao mar.

Òdòdó compreendeu que aquele cheiro forte que a penetrava era o vento da morte.

A dor era tanta que Òdòdó sentiu, que naquele dia ela também morria. Ela sangrou por duas semanas. Havia muito gemido, e ela não entendia quase nada do que era dito pelas pessoas que compartilhavam com ela a dor daquela travessia infame.

Uma voz.

Òdòdó conseguia entender o que um jovem rapaz dizia. Ele dizia para ela seguir resistindo, que eles vinham de um povo forte. Eles não se conheciam, mas falavam a mesma língua e isso os conectou. Esse belo rapaz, com **escarificações** pelo rosto, lembrava Seye. Isso foi um alento para a destroçada Òdòdó. Ela não sabia o nome dele. Apenas guardou aquele bonito rosto com olhar sincero e profundo. Ela também não esquecia o sorriso da filha, para a qual seguiu cantando todas as noites.

Ao chegar a terra, Òdòdó recebeu um novo nome: Luíza.

Depois de ter sobrevivido ao terror da viagem no navio negreiro, ela nunca mais chorou.

Secou.

Essa nova terra se chamava Bahia, e o ano era 1830. Ela foi comprada por uma família rica que fazia uso dos saberes dela no trabalho doméstico, principalmente na cozinha.

Já o **malungo**, agora nomeado como Antônio, era um **preto mina** e foi comprado por um rico comerciante que fazia uso das habilidades que Antônio aprendeu na África, no trabalho em obras de grande porte.

Antônio e Luíza se encontravam às escondidas sempre que podiam. Eles gostavam de conversar em iorubá secretamente. Antônio sabia escrever em árabe e isso lhe conferia algumas vantagens. Em segredo, Antônio ensinou Luíza a escrever. Ha-

bilidoso, Antônio tinha aulas noturnas com um liberto. E assim aprendeu a ler e a escrever também em português. Ele fez Luíza prometer que sempre estariam conectados por meio das letras, pois agora eles poderiam trocar bilhetes e cartas.

Após os acontecimentos da **Revolta dos Malês**, Antônio foi enviado para o sul do Brasil, ao passo que Luíza foi vendida para um viúvo branco que vivia pelas bandas do centro do Rio de Janeiro. Luíza acreditava que jamais reencontraria o malungo Antônio, e isso a entristeceu bastante. Antônio prometeu que sempre escreveria para Luíza, e que um dia se reencontrariam e seriam livres novamente, como eram em Oyó.

O novo senhor de Luíza vivia num sobrado na Rua do Ouvidor, no centro do Rio de Janeiro. Ela deveria realizar atividades de venda de quitutes pelas ruas da Corte imperial. Parte do dinheiro ela deveria entregar para o seu senhor. Logo no primeiro ano, Luíza engravidou deste homem branco, que a violava. Luíza demorou a perceber que estava grávida, pois o trabalho a consumia diariamente e ela não tinha tempo de prestar a atenção nas mudanças ocorridas no próprio corpo. Até que um dia ela desmaiou na rua. Preocupado e temeroso de perder uma escravizada tão valiosa, o senhor providenciou uma consulta, e foi descoberta a já avançada gravidez de Luíza.

Ela desejava que nascesse um menino, pois não queria ter uma filha mulher, uma vez que ela aprendeu que a maldita escravidão seguia o ventre das mães.

Era dezembro, e em avançada gestação, Luíza preparava banquetes para os ricos no calor escaldante do Rio de Janeiro. Não soprava um vento. Apenas calor.

Luíza fez amizade com outras pretas minas dos arredores. Uma delas, de nome Felizarda, era parteira. E foi pelas mãos de Felizarda que nasceu Laura, uma menina negra de pele clara. Foi um parto muito difícil, demorado. Luíza sabia que aquela criança nasceria na escravidão, algo que ela abominava com todas as forças. Felizarda conhecia o segredo das ervas. E com muita habilidade, puxou Laura para o mundo.

Poucos dias após o parto, Luíza já estava de volta ao trabalho, agora com uma rebenta no seio. A pequena a acompanhava na labuta diária. Envolta em pano branco, Laura era carregada pelas costas da mãe.

Em meio a esses acontecimentos, o senhor de Luíza teve uma febre e, repentinamente, faleceu. Ele não cumpriu a promessa de alforriar a pequena Laura na pia batismal. A partir daquele momento, Luíza pertencia aos parentes do falecido senhor. Uma irmã mais nova do falecido herdou Luíza. Católica e pudica, a nova senhora não se envergonhava dos atos e dos abusos cometidos pelo irmão, que não cumpriu as pro-



messas de liberdade feitas à Luíza. Todavia, a nova senhora permitiu que Luíza acumulasse pecúlio para um dia comprar a tão sonhada liberdade. Tal permissão não se estendia a Rufino, um africano da nação Monjolo que servia a esta jovem senhora já há alguns anos.

Rufino era alto, robusto, e tinha um sorriso avassalador. Ele gostava muito de ajudar Luíza a carregar o peso dos quitutes e panelas pelas ruas do centro. E foi assim que ele ganhou a confiança da jovem escravizada, o que desagradou profundamente a senhora, que, visivelmente, tinha ciúme e inveja dos cuidados de Rufino em relação à Luíza.

Apesar das muitas dificuldades impostas pela jovem senhora, Luíza e Rufino conseguiam se encontrar à noite, às escondidas. E foi assim que Luíza engravidou pela terceira vez. Ela escondeu a nova gestação por muito tempo, com medo da fúria de sua senhora. Mas a barriga foi crescendo e todos logo ficaram sabendo. Agora Luíza teria uma segunda criança para carregar enquanto trabalhava duro pelas ruas da capital do Império.

Luíza não deixou de trabalhar. Era inverno, mas não fazia frio quando o pequeno Israel nasceu. Foi um parto rápido. Rufino estava presente e auxiliou a companheira dentro do que foi possível. Israel nasceu grande, robusto, negro e com um choro potente que acordou todos na casa.

A senhora não suportava o choro de Israel. Poucos dias após o nascimento do menino, enquanto Luíza ainda se recuperava, a jovem senhora decidiu voltar a morar na fazenda do interior, levando Rufino para servi-la. Luíza ficou no centro do

Rio, pois fazia mais dinheiro para a senhora desta forma. Uma dor profunda consumiu Rufino, que teve pouco tempo de convívio com o pequeno Israel, para o qual fez questão de escolher o nome. Luíza se comprometeu a escrever-lhe cartas sempre que fosse possível e enviar notícias de Israel. Mesmo sem saber ler, Rufino se alegrou com esta possibilidade de manter os laços com o filho, que certamente não veria crescer.

Durante muito tempo, Luíza carregou rancor por ter sido separada de Rufino pela senhora branca. Sem obter notícias de Rufino, Luíza passou a se dar conta da relativa liberdade que ela conquistou. Vivia como livre.

Com o tempo, Rufino não mais ocupou os pensamentos de Luíza, que deveria se preocupar em garantir o sustento dos dois filhos pequenos. Ela sentia falta de um companheiro. Sentia saudade da vida livre na África. A liberdade plena. Ela também já não mais sonhava com a pequena Ayo e com Seye. Agora sonhava com os filhos adultos. E todos eram livres nesses sonhos...

Luíza levava Laura e Israel para ajudar na venda de quitutes na rua. Laura já auxiliava no preparo dos alimentos. Israel atraía o público, pois era um menino muito falante. Certo dia, Luíza precisou resolver uns problemas em casa. Laura e Israel ficaram tomando conta da pequena quitanda. Foi quando um homem negro, alto e robusto se aproximou e perguntou por Luíza. Laura foi correndo em casa chamar a mãe, enquanto o pequeno Israel puxava conversa com esse homem, que disse ser um velho amigo de Luíza.

Uma forte emoção tomou conta de Luíza: ela finalmente reencontrou um companheiro: o malungo Antônio. Ela também teve medo de que a alegria fosse efêmera e que a vida levasse Antônio embora novamente. Mas ele disse que desta vez era para ficar. E assim foi.

Antônio vivia ao próprio ganho e foi enviado ao Rio de Janeiro para ficar bem longe de seu senhor, que insistia em não lhe conceder o papel de liberdade, mas permitia que ele vivesse como se liberto fosse. Antônio era altamente qualificado e não lhe faltava trabalho. À noite, de maneira bastante discreta e no interior da casa, ele ensinava as primeiras letras para Laura e Israel. Ensinou o necessário para que pudessem assinar o próprio nome, conhecessem os números, realizassem cálculos e prosseguissem por conta própria, caso assim desejassem.

Antônio era um bom provedor e nada faltava no lar que construíram. Era uma casa em que todos viviam como se livres fossem, mas no papel eram escravizados. E isso preocupava Luíza. Ela tinha medo de perder a família que com tanto esforço lutou para construir e manter unida. Para ver Luíza feliz, Antônio a ajudou a comprar a tão sonhada liberdade.

E no dia do aniversário de Luíza, uma surpresa: Antônio conseguiu acumular o dinheiro necessário para a liberdade da amada.

Luíza finalmente era uma mulher alforriada!

Foram quase 15 anos de privação de liberdade, desde que foi arrancada de sua terra natal.

Apesar da reconquista da liberdade, pois ela nunca se esqueceu de que nasceu livre em terras africanas, a felicidade

não foi completa. Seus filhos nasceram na escravidão e a qualquer momento poderiam ser levados para longe. Já seu companheiro de luta e de vida possivelmente jamais conseguiria a alforria, por conta de um senhor branco bastante ressentido.

Por eles, Luíza não descansou.

Seguiu trabalhando arduamente para conseguir mais dinheiro para comprar a liberdade dos filhos.

Quando Laura completou 12 anos, Luíza conseguiu o dinheiro necessário para a alforria de um dos filhos.

Antônio e Luíza tiveram várias discussões a respeito do assunto. Ele acreditava que Israel era mais merecedor da liberdade, pois era preto, assim como ele e Luíza. Antônio acreditava que a vida na escravidão seria mais dura e mais breve para Israel.

Luíza estava irredutível: ela não queria ter netos nascidos no cativeiro. Não queria que a escravidão se enraizasse por gerações na família. Na compreensão de Luíza, Israel teria um pouco mais de escolhas por ser homem. Mesmo escravizado, poderia ter filhos livres caso se relacionasse com mulheres livres ou libertas. Laura não teria essa possibilidade. Sendo mãe cativa, os filhos nasceriam condenados à escravidão também. Luíza também não conseguia esquecer a dor de perder a primeira filha. Não queria que a escravidão se perpetuasse na família. Havia também um pouco de Ayo em Laura.

Uma forte conexão as unia: o ventre.

Nascida na escravidão, filha de um homem branco com uma mulher africana e escravizada, Laura recebeu a liberdade pelas mãos da mãe. E logo passou a se entender e viver como livre.

Na ausência do pai, Israel estabeleceu um forte laço de afeto com Antônio. Tal laço não se estendia à Laura, que vivia com certa distância dos homens da casa. Laura tinha a pele clara, e nas ruas era tratada como livre. Gostava de andar com os melhores vestidos, que ela mesma aprendeu a costurar. Laura chamava muita atenção por onde andava, pois estava sempre vestida de forma elegante. Passou a frequentar uma igreja católica no centro do Rio, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito. Assim, por meio do pertencimento a esta igreja, Laura foi ampliando seu repertório e rede de sociabilidade.

Em questão de tempo, Laura despertou o interesse de vários pretendentes. Um homem branco, pobre, filho de portugueses, pediu a mão de Laura. Casaram-se numa igreja católica. Laura teve muitos filhos, todos de pele clara. Teve uma vida dura. Visitava a mãe raramente. Não se envolvia nas causas da liberdade. Era consumida pela labuta diária.

Laura tentava levar Israel também para esse mundo. Dizia que ele deveria frequentar e conhecer um pouco mais a Igreja Católica que ela frequentava, e que não deveria seguir a religião de Antônio e Luiza, que eram islamizados. E foi assim que Israel conheceu a Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, uma igreja frequentada por pessoas negras livres, libertas e escravizadas, situada na antiga Rua da Vala, atual Rua Uruguaiana, no centro da cidade do Rio de Janeiro.

– Meu avô nasceu em agosto de 1843. Ele tinha muito respeito pela irmã mais velha. Foi ela quem cuidou dele quando era pequeno enquanto a mãe precisava trabalhar com o tabuleiro nas ruas do Rio, contou-me Tia Rosa.

Com o padrasto Antônio, ele aprendeu as primeiras letras. Foi também por intermédio de Antônio que o avô da Tia Rosa foi aceito na oficina do rigoroso Mestre Benedito, um liberto que ensinava o ofício de sapataria para forros e cativos no Rio de Janeiro. Israel aprendeu esse ofício quando ainda era menino. Com a morte do padrasto Antônio, decidiu viver por conta própria nos arredores de São Cristóvão. Ele trabalhava como sapateiro de dia, e sempre que podia frequentava as atividades da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito, seguindo a orientação de sua irmã, Laura. Israel se esforçava também para se inteirar das notícias, e foi assim que se tornou ávido leitor de jornais. Começou lendo jornais velhos no canto de uma cozinha. Ele queria saber sobre os caminhos que levavam à liberdade. Trabalhava para poder juntar dinheiro e conseguir comprar a **carta de alforria**. Ele queria poder ter a certeza de que jamais seria vendido e levado para longe, como ocorreu com seu pai Rufino.

Foi numa das festas da **Irmandade dos Homens Pretos** que uma esbelta e falante mulher negra despertou o interesse do avô da Tia Rosa. Ela vestia um bonito vestido branco e rendado. O nome dela era Josefina

Era filha de pais africanos e quando ainda era uma criança cativa, frequentava as missas dominicais da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito. Foi com a ajuda das irmãs e irmãos da igreja que conquistou a sonhada alforria, quando tinha 15 anos.

Adulta e liberta, passou a atender pelo nome de Josefina Maria do Rosário, incluindo “Rosário” como parte de seu sobrenome. Com as pretas forras, aprendeu a arte de trazer crianças ao mundo. Aos 25 anos, já tinha realizado mais de 100 partos. Quando Israel a conheceu, Josefina era alforriada, parteira e membro atuante da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. E foi ela quem introduziu Israel na irmandade. Josefina e Israel tinham planos de se casarem na igreja. Enquanto aguardavam o casamento, Josefina aceitou que eles dividissem um teto, o que, em teoria, ajudaria Israel a poupar dinheiro para comprar a liberdade. Algum tempo depois, Josefina descobriu que carregava uma vida no ventre. E agradeceu bastante pelo fato de que esta criança, apesar de ter um pai escravizado, nasceria livre.

O ano era 1869. O filho de Josefina e Israel nasceu robusto, e alegrou bastante a avó paterna, Luíza. Como uma forma de homenagear o falecido padrasto, Israel batizou o filho com o nome de Antônio Israel. Entretanto, Israel lamentava o fato de

o menino não ter nascido a tempo de poder conviver um pouco com o preto mina, o qual considerava um verdadeiro pai.

Apesar de nascer ingênuo, Antônio Israel era considerado filho “ilegítimo”, pois foi concebido fora de um casamento. Josefina não verbalizava, mas sentia certa vergonha perante a comunidade pelo fato de não ser casada oficialmente com Israel. Josefina também não foi a mesma depois do parto. Uma tristeza profunda a consumia. Mas ela não falava. Apenas procurava ocupar seu tempo.

Até que um dia, uma amiga entrou em trabalho de parto e Josefina foi socorrê-la, mesmo não estando em plena saúde. O parto foi difícil, e mesmo com toda a sua experiência, Josefina não conseguiu salvar a amiga, que não resistiu a uma hemorragia e faleceu. O bebê não nasceu com vida.

Josefina se culpava pela morte da amiga. Mesmo com todos dizendo que ela não teve responsabilidade no ocorrido.

Passado alguns meses, após viver o acúmulo de profunda tristeza, Josefina desapareceu. De forma abrupta e repentina. Ainda assim, Israel tinha fé que iria encontrar Josefina. Chegou a colocar anúncios nos jornais, em nome do filho Antônio, que sentia muita falta da mãe. Mas o anúncio de “procura-se” não surtiu efeito. Josefina jamais voltou.

Quando o pequeno Antônio perguntava pela mãe, obtinha apenas o silêncio como resposta. Para acalmar o neto, Luíza dizia que Josefina foi levada pelo vento, assim como a pequena Ayo e seu primeiro marido, Seye.

– Meu tio Antônio, filho de pai escravizado, foi criado pela minha bisavó Luíza. Ele cresceu ouvindo as histórias sobre a vida em liberdade na África. Antônio também foi introduzido no universo das letras, e logo aflorou a consciência sobre as injustiças e opressões vigentes naquela terra chamada Brasil.

– Meu avô Israel tentava conciliar o tempo do trabalho com o tempo da Irmandade e com o tempo da criação do filho... E procurava povoar a solidão com atividades. Ele apenas não conseguia ocupar o espaço que a ausência de Josefina lhe causou. Ele precisava preencher esse vazio. Foi assim que criou uma escola noturna na casa alugada que durante o dia abrigava a quitanda da mãe. Na escola noturna, ele recebia pessoas negras de diferentes situações jurídicas: livres, cativas e libertas. E lá ele compartilhava todo o conhecimento que tinha. Israel acreditava que estudar era um direito de todas as pessoas, independente da cor.

A escola foi fundada em 1877. Tal iniciativa chamou a atenção de importantes abolicionistas da cidade, dentre os quais, José do Patrocínio, e daí nasceu uma forte amizade. José do Patrocínio convidou Israel para as atividades do centro abolicionista do qual ele fazia parte. E Israel voltou à vida após esse reconhecimento público.



– Assim como meu avô Israel, minha avó Antônia era filha de pais africanos. Ela nasceu na escravidão, no interior do Rio de Janeiro, no ano de 1858. Quando tinha 10 anos, foi separada da família e comprada para trabalhar como mucama de uma viúva que vivia na Corte imperial. Ela trabalhava como escrava doméstica. Foi a rígida senhora que a ensinou as artes da costura.

A avó da Tia Rosa se tornou exímia costureira e fazia belos vestidos para as damas da Corte imperial. Após a morte de sua rigorosa senhora, Antônia foi herdada pela filha mais velha, a qual permitia que Antônia trabalhasse ao ganho, com a condição de que lhe pagasse certa quantia por mês.

– Ela trabalhava duro de sol a sol. À noite, frequentava a escola noturna criada pelo ainda cativo Israel S. Os dois se conheceram nas ruas; ela vendia roupa, ele, sapatos. Israel se encantou pela beleza e pela fibra de Antônia. Ela dizia que um dia seria livre. Para tê-la por perto, a convidou para frequentar as aulas noturnas, onde ela poderia aprender a ler, escrever e contar.

– Minha avó se encantou pela inteligência e pelo senso de justiça do meu avô Israel. Eles se conheceram no ano de 1878. Ela tinha 20 anos, e ele, 34.

- Respeitoso, meu avô convidou minha avó para uma missa de domingo na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito. E foi após uma missa que ele pediu a mão dela em casamento. Ele realmente não queria perder mais tempo na vida.

A condição de cativos, a necessidade de trabalhar e ainda acumular o pecúlio fez com que o casamento demorasse um pouco.

- Meu avô Israel convidou minha avó para ir morar com a família dele. Com minha bisavó Luíza, ela aprendeu alguns segredos dos temperos e da boa comida africana. Minha avó Antônia trabalhava na costura, mas gostava de cozinhar para a família aos domingos e dar um descanso para Luíza, que cozinhou durante a semana toda. Com o tempo, meu avô também levou a mãe dele para as missas da **Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito**. Minha bisavó Luíza, já idosa, estava também com a saúde bastante debilitada, o que preocupava a todos, principalmente o meu tio Antônio, agora já um pouco crescido.

- Já bastante velha e cansada após 26 anos de trabalho duro como quitandeira, a bisavó Luíza ficou profundamente adoecida. Era algo no intestino, o que a debilitava bastante.

Luíza já não participava mais das atividades das pretas miúdas. Após muita insistência do filho, passou a frequentar as

atividades religiosas da Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Apesar de todos os cuidados médicos que recebeu, não resistiu e faleceu no dia 12 de fevereiro de 1882. Como já tinha se confessado na religião católica, foi sepultada de acordo com os sacramentos da igreja cristã, o que desagradou profundamente a **comunidade maometana** de pretas minas do Rio de Janeiro, as quais ficaram bastante contrariadas com os encaminhamentos de Israel em relação ao sepultamento da mãe.



- No mesmo ano em que perdeu a mãe, meu avô Israel tornou-se pai de uma bela menina, nomeada de Francisca Antônia. Com muito esforço e com a ajuda dos amigos abolicionistas, meu avô conseguiu comprar a própria liberdade e também a carta de alforria da minha avó Antônia. Libertos, finalmente casaram-se em 1882, numa cerimônia festejada pela Irmandade da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito.

Os proclames do casamento foram amplamente divulgados no jornal **Gazeta da Tarde**.

- No auge da vida adulta, meu avô Israel participava com vigor das atividades em torno da causa da liberdade. Foi presidente da Caixa Emancipadora José do Patrocínio, e era membro ativo na Irmandade Religiosa dos Pretos Novos. Por meio do trabalho na costura, minha avó Antônia também contribuía nas despesas da casa.

- Vó Antônia era uma mulher bastante ativa, e mesmo na segunda gestação seguiu trabalhando arduamente. Em 1886, ela deu à luz a um robusto e saudável menino negro, batizado como Israel Júnior, em homenagem ao pai.

Aos 46 anos, meu avô Israel era um homem feliz, pois conseguiu conquistar a liberdade à custa do próprio suor. Ele também se orgulhava de ter lutado pelo fim da escravidão e por ter

ajudado a promover a educação de pessoas negras. Junto da esposa Antônia, procurava educar os filhos para serem pessoas éticas e compromissadas com o bem comum. Israel era um homem de ação e procurava educar pelo exemplo. Ele acreditava que a liberdade deveria ser conquistada, mas ele também nutria certa admiração pela realeza.

– Meu avô gostava de guardar alguns recortes de jornal com notícias importantes. Começou a colecionar desde os tempos em que presidiu a Caixa Emancipadora José do Patrocínio.

– Nininha, veja aqui os recortes após o 13 de maio de 1888, com destaque aos aniversários da abolição.

Nas fotos, é possível ver Israel junto dos amigos abolicionistas quando das comemorações da **Lei Áurea**. Apesar de ter pago um preço bastante alto pela própria liberdade, comprada à prestação e com juro, Israel acreditava que tornar a escravidão ilegal no Brasil protegeria seus netos e as gerações futuras da possibilidade de se tornar propriedade de alguém.

A lei garantia que todas as pessoas nasceriam livres. Mesmo acreditando que a lei foi fruto de uma conquista do movimento abolicionista, ele também prestava certa reverência à figura da Princesa Isabel, como sendo a responsável pela assinatura da lei. Por outro lado, a lei não inibiu o sentimento de posse e ressentimento de ex-senhores e ex-senhoras. Eles acreditavam que deveriam receber indenizações pelos “prejuízos” que a libertação dos escravizados lhes causou. E para evitar que

esses ex-senhores entrassem na justiça, o ministro **Rui Barbosa** mandou para a fogueira parte dos documentos referentes à escravidão no Brasil, o que impediu que ex-escravizados e ex-senhores reclamassem algum tipo de indenização. A queima dos documentos foi comemorada por muita gente.

- Meu avô fazia questão de organizar uma missa a cada 13 de maio. A missa acontecia no interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito.

- E não podia faltar o registro da celebração, com todas as pessoas presentes bem vestidas e alinhadas!

Em 1889, Israel S. era um homem maduro. Ele possuía um letramento dos códigos sociais que o permitia transitar em diferentes mundos, sempre à procura de igualdade. A consciência de que a luta não se encerrava com o fim da escravidão veio a partir da experiência. A liberdade era uma conquista diária que exigia luta constante.



A Tia Rosa contou-me um pouco sobre o lugar que cada membro ocupava na família.

Antônio Israel, tio de Rosa, era um homem negro que nasceu em liberdade. Carregava o nome do malungo Antônio, preto mina habilidoso e versado em diferentes línguas e letras. Filho de mãe liberta, Josefina, Antônio nasceu e viveu como menino livre de cor, enquanto via o pai trabalhar arduamente para comprar a própria liberdade. Aprendeu desde muito cedo que as opressões e as explorações do “homem pelo homem” eram inaceitáveis. Cresceu acompanhando o pai nas reuniões dos clubes abolicionistas e nas missas da Igreja dos Homens Pretos. Apesar do preconceito por ser um menino negro, era livre e vacinado, e pôde frequentar uma boa escola pública.

Tornou-se leitor das ideias de liberdade e emancipação, e crítico da exploração sobre os trabalhadores, livres e escravizados, negros e brancos. Antônio acreditava que a escravidão era nefasta. Cresceu vendo o pai e a avó serem consumidos pelo trabalho. Cansado de esperar por uma mãe que nunca voltava, ele procurava por ela nas páginas dos jornais. E se instruía. Mas ela nunca apareceu. Foi levada pelo vento.

A partir da procura pela mãe, encontrou a luta pelos direitos no mundo do trabalho. Preencheu o seu tempo livre frequentando reuniões e grupos de trabalhadores e trabalhado-

ras. E foi assim que conheceu o movimento operário. Foi na luta pela causa operária que Antônio conheceu Julia, mulher branca, mais velha que ele dois anos, filha de italianos pobres.

Julia nasceu no Brasil, em uma família de imigrantes. Era a filha mais nova, e foi a única que pôde estudar. Os pais dela não eram alfabetizados na língua portuguesa. Os irmãos mais velhos trabalhavam em fábricas para ajudar no sustento da casa. Frequentou uma Escola Normal e dava aulas para crianças filhas da classe operária.

Ela gostava de frequentar reuniões do Círculo Operário Italiano, local onde aconteciam atividades voltadas para a promoção do estudo das condições de vida das classes trabalhadoras, com especial atenção ao debate sobre a carestia de gêneros de primeira necessidade, como alimentos e vestuário.

Na condição de operário negro, Antônio Israel proferia diversas palestras em torno da causa socialista e da luta de trabalhadores negros e brancos. E foi numa dessas palestras que Antônio e Julia se conheceram, na década de 1890.

O Brasil já não era mais um Império, era uma República. Mas a nova forma de governo também não conseguiu concretizar as muitas promessas de cidadania feitas à população. A maioria era impedida de votar, pois o voto era direito apenas daqueles que sabiam ao menos assinar o próprio nome. Também as mulheres eram impedidas de votar. O ódio e o ressentimento pelo fim da escravidão se manifestavam na forma do que hoje entendemos como racismo, mas que naquele

tempo era tratado como “preconceito de cor”. Pessoas negras eram tratadas como “tipos suspeitos”. O Estado incentivava o embranquecimento da população e valorizava a miscigenação com pessoas de ascendência europeia para fins de “melhoramento da raça”. Porém, havia também aqueles que acreditavam que as uniões inter-raciais levariam à degeneração, e a figura do “mulato” ocupava um lugar de ambiguidade, o que não o blindava de também sofrer discriminação racial.

– Tio Antônio e tia Julia enfrentaram preconceitos por ele ser negro e ela ser branca!

A primeira filha do casal, Israelina, nascida em 1894, viveu apenas seis dias. No atestado de óbito, no qual foi declarante o avô, Israel S., constava que Israelina era da cor preta.

– Veja só, Nininha, como era o preconceito da época: muita gente disse que a criança não sobreviveu porque era fruto de uma relação entre pessoas de “raças” diferentes. Mas, para mim, Nininha, é o racismo que adoce as pessoas!

No ano seguinte, o casal teve outra filha, Eugênia. Diferente de Israelina, a criança foi registrada como sendo “parda”, assim como Pedro, o terceiro filho do casal, nascido em 1898.

Antônio era funcionário dos Correios e seguia ativamente na militância da causa operária e socialista. Porém, aos 33 anos, não resistiu a uma tuberculose e deixou viúva e filhos pequenos.



– A morte prematura do filho debilitou muito meu avô Israel. Mesmo assim, ele se comprometeu a ajudar na criação dos netos pequenos. E assim foi...

Viúva, Júlia trabalhava como professora pública, o que foi crucial para que ela tivesse alguma dignidade na vida sem o companheiro.

– Eugênia, a filha de Júlia e Antônio, era muito minha amiga. Ela era um pouquinho mais velha que eu, e nós brincávamos juntas.

As primas cresceram unidas e partilhavam segredos. Assim como a mãe, Eugênia estudou na escola normal. Aos 22 anos, Eugênia se casou com Armando, um homem registrado como pardo. O primeiro filho do casal nasceu 11 meses após o casamento, no ano de 1917.

– Eugênia sofreu muito na vida, porque ficou órfã de pai quando ainda era criança. Depois teve outras perdas. O casal teve 9 filhos, dos quais apenas 4 sobreviveram à infância. A pobre Eugênia enterrou 4 filhos meninos e uma menina, Helena, que completou apenas 1 ano de vida.

– Eugênia viveu para os filhos e para o marido. Morreu com 66 anos e dedicou-se ao trabalho não remunerado do lar. Diferente da mãe dela e de outras mulheres da família, não ficou viúva, pois partiu antes do marido.

- Eu sinto muito que a vida tenha me afastado da Eugênia...

Com o tempo, Eugênia se tornou mais distante de Rosa.

Ou foi Rosa que dela se distanciou?

Ou foram as dores da vida que fez com que cada uma seguisse rumos distintos?

Neta de Luíza, filha de Antônia, mãe de Rosa.

Francisca Antônia nasceu no ano de 1882. Os pais já tinham quitado a compra das alforrias, portanto, nasceu de pai e mãe libertos. Ela nasceu no ano em que a avó Luíza morreu.

Ela não conviveu com essa avó e herdou o nome do meio da mãe.

Com um vestidinho branco, bordado à mão, foi batizada na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. Logo após o batizado, passou a dividir as atenções da casa com o irmãozinho, nascido em 1886. Aprendeu as primeiras letras ainda em casa por meio da **Cartilha da Infância** e depois foi matriculada numa escola pública próxima a São Cristóvão. A menina aprendeu a ler com as lições dadas por Antônio, seu irmão mais velho, um jovem operário e militante.

Aos 7 anos, a menina participou de um evento muito especial: a celebração de 1 ano do fim do trabalho escravo no Brasil. Ela foi vestida de branco e ganhou um sapato criado especialmente para ela pelas mãos do pai Israel. Francisca ajudava no cuidado do irmãozinho mais novo. Ela também gostava de ir com os pais às atividades da igreja. Ela aprendeu os segredos dos quitutes das ancestrais a partir das anotações de um caderninho de receitas da mãe Antônia.

O caderninho recebia novas receitas com o passar dos anos. Mas era guardado a sete chaves e só poderia ser partilhado pelas matriarcas da família.

Celestino era um jovem negro, alto, nascido em 1858 nas Antilhas Inglesas, e trabalhava como funcionário no consulado inglês. Recém-chegado na vizinhança de São Cristóvão, ele era 24 anos mais velho que Francisca.

Ele sempre a observava.

Certo dia, Francisca começou a receber cartas e flores desse admirador, ainda secreto para ela. Com letra sofrível e português capenga, Celestino não falava muito sobre si, mas das suas sérias intenções em relação à jovem vizinha.

Após dezenas de cartas trocadas, ele tomou coragem e revelou a identidade. E Francisca passou a corresponder as cartas recebidas com sorrisos quando cruzava com o rapaz na quitanda.

O desejo de casar-se com Francisca foi maior que a vontade de voltar para as Antilhas.

E pelo Brasil ficou.

Não passou muito tempo e estavam casados. A primeira filha nasceu em 1898, e recebeu o nome de Rosa (Rose em inglês). Sebastião foi o segundo filho, e nasceu em 1900. Ursulina nasceu em 1901. Maria de Lourdes em 1904. Judith nasceu em 1906. Israelina em 1909. Laura em 1910. Emma em 1912.

Foi um casamento feliz. Francisca realizava trabalho doméstico não-remunerado: cuidava da casa e dos filhos.

No ano de 1918, a primogênita Rosa já tinha 20 anos e Francisca foi surpreendida com a notícia de uma gravidez. Era o nono filho do casal. Infelizmente, este foi um ano de muitas perdas para Francisca. O amado companheiro Celestino faleceu de **gripe espanhola**.

Francisca tornou-se viúva aos 36 anos, grávida e com 8 filhos menores de idade sob sua responsabilidade.

Foi uma imensa tristeza para toda a família.





Israel e Antônia viviam em liberdade quando Israel Jr. nasceu. Ele veio ao mundo num tempo de alegrias, dois anos antes da Abolição. Batizado com o nome do pai, Israel Jr. nasceu e cresceu em liberdade, em meio a cadernos e livros. O pai seguiu lecionando aulas noturnas para trabalhadoras e trabalhadores adultos, muitos dos quais libertos da escravidão. E lá estava o pequeno Israel. Após a morte prematura do irmão Antônio, quando Israel tinha apenas 16 anos, ele prometeu que se dedicaria a salvar a vida de pessoas que não teriam condições de pagar por um médico. Ele cresceu vendo o pai, a mãe e o irmão lutando por ideais. A morte do irmão fez com que ele encontrasse a Medicina como missão de vida.

Ele gostava de estudar, mas custear o curso de Medicina era algo muito caro. O ano era 1904 e a cidade do Rio de Janeiro estava em efervescência por causa da **Revolta da Vacina**. Com muito empenho e dedicação, ele ingressou no curso de Farmácia. O sonho de cursar Medicina foi adiado. Mas ele não desistiu, era jovem e acreditava que a Farmácia seria o atalho que o levaria ao sonhado e disputado curso de Medicina. Ele era um jovem de 18 anos, cheio de sonhos e disposição para realizá-los.

Marieta era 2 anos mais velha que Israel. A família dela tinha recursos. Ela cursava Enfermagem, e os dois se conheceram

no dia do exame para o ingresso na faculdade. Ficaram noivos enquanto estudavam. Casaram-se em 1908, mesmo ano em que se formaram. Ele com 22 anos, ela, com 24. Não quiseram festa, apenas a celebração religiosa na Igreja de Nossa Senhora do Rosário. Ela logo começou a trabalhar em um hospital. Israel passou a trabalhar como farmacêutico. A esposa o incentivava a seguir o sonho de ser médico. E assim foi. Eles trabalharam para isso, e toda a família ajudou. Meses após o anúncio de que teriam o primeiro bebê, foram surpreendidos com um comunicado publicado no jornal *O Paiz*, em 1909, o qual dizia que “o Sr. Ministro da Justiça mandou admitir como aluno gratuito na Faculdade de Medicina desta capital, aluno no curso médico, Israel Antônio S. Junior”.

Marieta e Antônia fizeram questão de celebrar uma missa para agradecer pela conquista. Era algo que elevaria a todos: haveria um médico na família!

O futuro chegava radiante para o casal Israel e Marieta em 1910, ano do nascimento de Ana, a primeira filha do casal. Na certidão de nascimento constava que era uma menina de cor preta, filha de Israel e Marieta, sendo ele, farmacêutico. Em 1911 nasceu a segunda filha do casal, Úrsula Luíza. Diferente de Ana, não há menção à cor da criança, e Israel descrito como sendo estudante de Medicina. Maria, a terceira filha do casal, nasceu no início de 1913. Há silêncio sobre a cor da menina. Israel Jr. aparece como sendo “doutor”.

Em 1913 Israel era o dedicado esposo de Marieta, pai de três meninas pequenas e médico formado, com consultório recém-aberto nos arredores de São Cristóvão. Ele tinha conseguido realizar muitos dos sonhos que desenhara quando ainda era um garoto.

Agosto era um mês de celebrações para a Família S. Era o mês do aniversário do patriarca Israel e também da jovem Rosa, que completaria 15 anos. Haveria uma grande celebração. Mas não foi assim.

Foi o princípio do fim.

Muitas lágrimas viriam a partir dali. Israel Jr. contraiu uma pneumonia resistente. Os remédios não faziam efeito. Foi breve a vida do jovem médico negro. Como num sopro, a vida de Israel Jr. se apagou aos 26 anos. O velho Israel enterrava o segundo filho. Essa foi uma grande perda para ele. A tristeza passou a consumir seus dias. Perdeu o filho querido no mês de seu aniversário. Festas não mais celebrou. Marieta, viúva, passou a vida a trabalhar para poder criar as três filhas, que cresceram sem o pai.

A Tia Rosa me contou que desde pequena ela sonhava com a festa de 15 anos. Era a primeira neta da avó Antônia, que já tinha terminado de costurar o belo vestido que ela usaria neste aniversário. Neste tempo, Tia Rosa era muito próxima da prima Eugênia, filha do falecido tio Antônio. Mas aquele agosto de 1913 fez mais uma viúva: Marieta, a esposa de Israel Jr.

A avó Antônia passou a concentrar seus esforços nos cuidados em relação ao velho e debilitado Israel.

Já Francisca, a mãe da Tia Rosa, ainda não tinha se recuperado da perda dos irmãos. A mãe da Tia Rosa enterrou os irmãos muito cedo...

Israel foi o mais longevo dos homens da família. Mas a alegria de viver já não estava mais ali. Cansado, cabelos brancos e olhos tristes.

Numa manhã cinza de 1916, o velho Israel não mais despertou. Teve uma morte tranquila. Viveu intensamente por 73 anos. Lutou pela liberdade. Lutou por igualdade. Muitas homenagens foram prestadas ao velho abolicionista negro nascido na escravidão.

Tia Rosa perdia seu melhor amigo.

Aos 18 anos, Tia Rosa convivia com muitas viúvas na família: a avó, as tias... E no curto espaço de dois anos, também viu a mãe tornar-se viúva.



O vento da morte tinha levado para longe os homens da família.

As mulheres sobreviveram.

E precisaram trabalhar dobrado para cuidar da família. E assim foi. Ensinaram para as meninas que elas precisavam ser fortes. E trabalhar. Pois a vida não era um mar de rosas para as mulheres.

A vida não era nada doce para as viúvas.



Tia Rosa me contou que chovia muito no dia em que ela nasceu. E também os ventos eram fortes. Para ela, chuvas com vento são fundamentais para a renovação da terra e para o florescimento de todas as coisas. Mas ela também dizia que tudo precisa de equilíbrio, pois o excesso de água também poderia trazer muita lama e sofrimento.

Tia Rosa sempre gostava de enfatizar de onde ela vinha: bisneta dos africanos Luíza e Rufino, neta de Israel e Antônia, que com muita luta conquistaram a liberdade; e filha de Francisca e Celestino.

Tia Rosa nasceu no final do século XIX, o início de um novo tempo. Todos na família acreditavam que ventos melhores seriam reservados para pessoas negras no Brasil...

Quando nasceu, o nome escolhido foi Rose Louise, mas cresceu sendo chamada de Rosinha em casa e Rosa Luíza, na escola. Rose era o nome da avó paterna, e Luíza era o nome da bisavó africana.

Zangada, Tia Rosa também não gostava muito da cor que aparecia no documento de nascimento: parda. Ela recorda que sempre foi chamada de “preta” ou “pretinha” na rua e também na escola. Ela tinha a pele marrom, um pouco mais clara que a mãe e os avôs, num tom mais próximo ao do pai, Celestino.



Ela me mostrou alguns documentos amarelos, escritos à mão, com uma letra bem difícil de ler:

– Nininha, mudei de nomes tantas vezes nessa vida que já até me acostumei. Mas nunca me esqueço de quem eu sou, porque os nomes dos meus pais, Francisca e Celestino, e dos meus avôs, Antônia e Israel, sempre me acompanharam. Por isso eu não me perdi, por isso eu sei quem eu sou. Eles sempre foram a minha constante. Estiveram comigo no meu nascimento, e também estarão comigo na minha morte. Porque essa é a árvore de onde eu venho e isso nunca mudará. É eterno. São laços de sangue.

Tia Rosa me contou que, por ter sido a primeira filha e a primeira neta da avó Antônia, houve muita expectativa em relação ao dia do seu nascimento. Por muito pouco, Tia Rosa não nasceu no dia do aniversário do avô, celebrado em 19 de agosto. O parto de Tia Rosa foi bastante demorado e houve muita preocupação, pois era a primeira filha de Francisca. Tia Rosa nasceu em 16 de agosto de 1898. Rosa foi a terceira neta de Israel. A primeira neta foi Israelina, falecida ainda nos primeiros dias de vida. A segunda neta de Israel foi Eugenia Maria, filha de Antônio e Julia.

Sob a liderança de D. Antônia, a família passou a celebrar os aniversários de Rosa e Israel no mesmo dia, pois eram datas muito próximas. Também era celebrada uma missa por ocasião dos aniversários dos dois.

Tia Rosa me disse que ela sempre recebeu um carinho especial por ter sido a primeira filha de Francisca, única filha mulher de Israel. A filha para quem ele costurou com as próprias mãos o sapatinho da festa da liberdade. A netinha mais próxima de Israel S.

Os dois iam sempre às atividades da Igreja.

Francisca, a mãe da Tia Rosa, teve 7 filhas e 1 filho. Tendo sido a primeira, Rosa acostumou-se com a imagem da mãe dela sempre com uma barriga bem grande. Partos faziam parte da rotina da casa. O convívio com parteiras era também sempre muito constante. Por isso Tia Rosa cresceu ouvindo histórias sobre partos e parteiras.

A avó Antônia gostava de contar como foi o parto da filha Francisca e também de todas as netas. Contar histórias de nascimentos, partos e parteiras parecia ser o tipo de história favorita da avó. E foi por isso que Tia Rosa desenvolveu certo fascínio pela arte de dar à luz e cortar cordões umbilicais. Algo que ela considerava um saber ancestral feminino.

A menina Rosa também ouvia muitas histórias sobre parteiras, pois algumas delas se tornaram conhecidas nos jornais do século XIX.

Tia Rosa conta que uma das histórias mais impressionantes foi o escândalo conhecido como “O filho preto”, ocorrido no mesmo ano em que a mãe dela nasceu e que por isso ficou guardado nas memórias da avó dela:

- Uma senhora, altamente colocada, casada e filha de um dos mais abastados fazendeiros, teve relações ilícitas com um seu criado ou escravo de cor preta, ficou grávida e na incerteza da pessoa a quem caía a paternidade de seu filho, se ao marido, se ao amante, não tomou providências para evitar o parto. Estando seu marido ausente na ocasião do parto, mandou chamar a parteira Dunogon, moradora à Rua da Uruguayana.

A parteira efetuou o parto e a parturiente deu à luz um filho preto. A mãe do “filho preto”, temendo censuras e retaliações por parte do marido e da sociedade, teria aceitado o conselho da parteira, que propôs trocar o bebê por outro de cor branca. Pela troca, a parteira recebeu a quantia de 20:000.

Mas a parteira teria sumido com a criança e com o dinheiro, e por isso a mãe, no desespero, pediu ajuda a um médico, que levou o caso para a polícia. A história foi noticiada em vários jornais e, por fim, a parteira foi acusada de ter sido a autora do crime, pois a mãe do bebê estaria em estado de delírio, e que por isso teria acreditado ter tido um filho preto, o que não seria verdade, e sim invenção da parteira. Nos dias seguintes, os jornais seguiram publicando sobre o caso da parteira:

“Quando é certo que chegou à polícia a denúncia de que uma parteira usara de artifício e de crime para extorquir a uma sua cliente a quantia de 20 contos de réis; quando é certo que bom ou mau, a opinião formou-se desfavorável a uma infeliz senhora, cuja probidade fi-

cou abalada no conceito de muita gente; quando finalmente a imprensa diária deu a esse acontecimento a maior publicidade possível.”

Mas a Tia Rosa disse que as parteiras estavam com certa frequência nos jornais, porque muitas delas eram acusadas de não serem diplomadas, de estarem praticando exercício ilegal da profissão. Havia parteiras brancas e negras na cidade. A parteira Dunogon fazia parte de um grupo de mulheres estrangeiras, algumas vindas da França e que se estabeleciam na cidade do Rio.

Algumas eram conhecidas porque anunciavam seus endereços nos jornais da cidade também e eram chamadas de Madames. As pessoas sabiam onde localizá-las por isso.

Outra parteira bastante conhecida no século XIX foi a “Madame Eva”, que vivia na cidade de Parahybuna, província de São Paulo. Segundo a avó da Tia Rosa contava para ela, a parteira Eva Maria de Jesus teria vivido mais de 122 anos. A notícia da morte da “Madame Eva” foi publicada nos jornais do país no ano de 1878:

“Eva, chamava-se ela, mestiça de cruzamento indígena e africano, contava com certeza mais de 100 anos e ainda visitava os conhecidos, palestrava, recitava trovas populares, e contava as lendas e minudências dos primeiros tempos daquela povoação, que não era mais

antiga do que ela... Referia-se a ela própria, que nascera em uma canoa, na ocasião em que seu senhor, trazendo um escravo e camarada, veio estabelecer moradia no lugar.”

Tia Rosa acreditava que Madame Eva viveu bastante porque ela era especial, porque ela trazia a vida em suas mãos. Tia Rosa decidiu que queria ser parteira ao se encantar por todas essas histórias, principalmente as de mulheres negras poderosas.

Tia Rosa acreditava no poder de cura nas mãos de mulheres negras.



Como já dito, desde muito pequena, Tia Rosa se tornou companheira inseparável do avô Israel. Estavam sempre juntos. Na Igreja. Nos eventos da Irmandade. Nas aulas noturnas que ele ainda dava. Nas reuniões dos antigos abolicionistas. Em uma dessas andanças com o seu avô, ela lembra que ele concedeu uma entrevista para um grande amigo que era jornalista, o Sr. Ernesto.

Rosa era muito pequena, mas de tanto ouvir o avô contando sobre esse dia, ela se lembra de detalhes da história, que foi parar num livro chamado *Rascunhos e perfis...*

– Lembro-me de que nessa conversa meu avô Israel contou toda a vida dele.

Tia Rosa se lembra de que já era uma mocinha quando a pequena autobiografia do avô Israel foi publicada pela tipografia do *Jornal do Comércio* alguns anos depois. Ela se lembra de que no lançamento do livro houve uma festa com a presença de antigos abolicionistas, e que todos estavam muito bem vestidos.

– Tenho aqui outro livro que também fala do meu avô, é um livro bem volumoso... *A Campanha Abolicionista*... Esse livro lembra que meu avô fez parte da luta pela liberdade... Meu avô foi lembrado nesses dois livros... Mas foi esquecido nos livros que ensinam História nas escolas... Como tantas outras pessoas, principalmente as mulheres, os livros não contam a luta das mulheres negras que também lutaram pela liberdade. Triste isso.

Rosa gostava de ouvir as histórias dos avós Israel e Antônia.

Israel era ávido leitor de jornais, e esse hábito foi transmitido pelo exemplo da leitura diária. Ela se sentava ao lado dele e ouvia as notícias.

Uma delas foi sobre um evento muito triste envolvendo uma mulher negra: o Caso Lloyd...

– Meu avô lutava contra os preconceitos que as pessoas negras sofriam. Ele ficou triste ao perceber que a abolição não trouxe a tão sonhada igualdade. Por isso ele seguiu lutando...

O Caso Lloyd ganhou repercussão nos jornais em 1910.

- Meu avô integrou uma comissão e enviou um manifesto ao presidente da República exigindo providências legais em relação ao caso de preconceito de cor envolvendo uma mulher negra, impedida pelo comandante do navio Lloyd Brasileiro de prosseguir viagem em função da intolerância a sua cor.

O manifesto contra o preconceito racial foi publicado no **Jornal Correio da Manhã**, em 5 de novembro de 1910. Tia Rosa me mostrou esse recorte de jornal, presente nos guardados dela:

“Presidente da República. O povo, reunido em grande número, e na sede da União dos Estivadores, protesta energicamente contra o ato procedente do comandante do vapor Rio de Janeiro, fazendo desembarcar em Recife uma mulher, simplesmente por ser de cor, e em obediência a exigências de passageiros norte-americanos. Foram ouvidos muitos oradores, que foram calorosamente aplaudidos. Esperam que, V. Ex. Supremo Magistrado da Nação, faça punir com severidade o autor de tão nefasto atentado”.

- O gesto de apoio e solidariedade de meu avô e de seus companheiros de luta em relação ao incidente no navio foi reconhecido e apreciado pela senhora discriminada...

- Ela se chamava Ignez Acioly, e tinha comprado uma passagem de primeira classe com destino ao Rio de Janeiro. Nesse camarote, porém, estavam três senhoras norte-americanas que peremptoriamente se negaram a deixá-la permanecer com elas. Diante disso, o criado conduziu-a ao camarote n. 4, onde, entretanto, havia também um casal **yankee**. Repetiu-se a mesma cena. Mas, desta vez, D. Ignez negou-se a abandonar o camarote a que a sua passagem lhe dava direito. Sobreveio a hora do jantar; D. Ignez foi para a mesa e ali, à sua chegada, vários americanos que ali se achavam levantaram-se acintosamente. Todavia, D. Ignez deixou-se estar e jantou. Mais tarde, porém, o imediato do vapor veio falar-lhe em nome do comandante. Ela foi convidada a passar para a segunda classe, visto que para alguns passageiros repugnava tê-la entre si.

- D. Ignez, naturalmente, negou-se a passar para a segunda classe, tendo pago passagem de primeira. Fizeram-lhe, então, uma última proposta: ficaria no camarote, sem vir à mesa nem ao convés. E D. Ignez negou-se ainda, retrucando que estava num vapor brasileiro, que era brasileira e não tinha moléstia contagiosa que tornasse perigoso o seu convívio com os demais passageiros!

- À vista disso, cedendo às solicitações dos norte-americanos que se achavam a bordo, o comandante fê-la desembarcar, sem malas, atabalhoadamente, às 9 e 30 horas da noite. Com a sua viagem toda prejudicada, D. Ignez teve de esperar dois dias pelo vapor Goyas, que a trouxe ao Rio de Janeiro, capital do país na época.

A conquista da lei que proibia a escravização de pessoas no Brasil não deu fim a práticas discriminatórias em relação às pessoas negras. E o avô da Tia Rosa descobriu isso de uma maneira amarga. Ele temia que a família sofresse discriminação, mesmo após toda a luta pela liberdade. A igualdade é uma luta constante no Brasil. Apenas em 1951, uma nova lei, batizada de Lei Afonso Arinos, tornava contravenção penal “a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou cor” no Brasil. E um século após a abolição, a Lei Caó, de 1989, estabelecia que “serão punidos, na forma desta Lei, os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional”. A Tia Rosa viveu para ver todas essas leis...





Tia Rosa casou-se com João, nascido na Bahia em 9 de agosto de 1893, marinheiro, solteiro, residente à Rua do Mercado, enquanto Rosa morava à Rua do Rosário, número 32. O casamento foi em 20 de janeiro de 1920.

Desde o dia em que os caminhos de Tia Rosa e João se cruzaram no trem muita coisa mudou para ela. O convívio com João trouxe um novo olhar sobre a resistência e a luta negra para Tia Rosa. João sempre falava que o “povo negro não devia nada à Princesa Isabel”. João contava como os próprios negros são autores da própria história e como a escravidão foi um crime.

João, antes de se tornar marinheiro, estudou numa escola na qual era aluno do professor Manuel Querino, homem negro que defendia a valorização da cultura africana. João tornou-se marinheiro porque acreditava que esta atividade era nobre e deveria ser exercida por pessoas negras, que deveriam investir em educação e trabalho como formas de enfrentar os preconceitos.

Tia Rosa e João gostavam de ler. Liam as obras de Manuel Querino, Lima Barreto, Maria Firmina dos Reis...

O ano de 1921 foi o mais feliz e o mais triste na vida de Tia Rosa. Em fevereiro, Tia Rosa deu à luz uma linda menina negra,

a qual batizou de Elisa, uma homenagem à mãe de João.

Logo depois do nascimento da filha, João morreu de um problema no coração em 16 de novembro de 1921. Tia Rosa tornou-se uma jovem viúva, assim como a avó Antônia, a mãe Francisca e as cunhadas.

Com o casamento, Tia Rosa se afastou da família na qual nasceu. Ela não compartilhava das mesmas ideias que a mãe a respeito do lugar da mulher no mundo. Tia Rosa vivia entre o Candomblé e a Igreja Católica. Ela não via problema nisso. Mas algumas pessoas não compartilhavam a mesma visão que ela.

A despeito das críticas, Tia Rosa criou a filha com o esforço do próprio trabalho: tornou-se parteira. Ela cresceu vendo partos. A tia enfermeira também lhe transmitiu algumas técnicas, e outras parteiras mais velhas a inspiraram.

Elisa tinha 11 anos completos quando Tia Rosa casou-se novamente, num 24 de dezembro de 1932. O segundo marido de Tia Rosa se chamava Jayme, nascido em 1893, era branco e tinha 39 anos quando se casou com ela, que era viúva e parteira.

Jayme fez muitas promessas para a Tia Rosa e ela acreditou que poderia ser feliz novamente no amor. Mas o segundo casamento trouxe muitos desafios para ela. Tia Rosa sentia que a família de Jayme a via como inferior e esperava que ela fosse submissa ao marido. O casamento não trouxe paz para a vida da Tia Rosa, que sofria. Desde o início não foi fácil a convivência entre Elisa e o padrasto. Jayme tentava disciplinar Elisa. Ele dizia que a menina não deveria ter amizades com meninos, que

deveria ir da escola para casa e que não deveria brincar na rua com outras crianças. Para Jayme, a menina deveria cuidar da casa enquanto a mãe estivesse no trabalho.

Com o tempo, o casamento com Jayme tornou-se um fardo insuportável para a Tia Rosa. Os insultos se tornavam frequentes e ele passou a chegar constantemente bêbado em casa. Assim, ela tomou a decisão de pedir a separação, o que não foi do agrado do marido. Ele respondeu com violência, o que custou a perda da visão de um dos olhos da Tia Rosa.

Após esse ato de violência, Tia Rosa esperou o dia amanhecer. Quando Jayme saiu para trabalhar, ela juntou os pertences dela e de Elisa e fugiu sem deixar endereço. Foi para bem longe do marido abusivo e agressor. Ela não queria que a filha presenciasse outra agressão. Ela não queria que a filha sofresse mais com a perseguição e os insultos de Jayme.

Tia Rosa buscou abrigo na companhia da minha avó paterna. Elas eram mais que amigas. O tempo as transformou em irmãs. Foi com a ajuda de outras mulheres que Tia Rosa pôde cuidar da filha, que cresceu e se tornou uma mulher independente e emancipada. Elisa dedicou-se aos estudos e recebeu uma proposta de trabalho em outro país. E assim, aos 20 anos, ela voou para longe. Elisa nunca mais retornou. Ainda assim, ela escrevia cartas para a mãe. E apesar das promessas de um dia voltar para casa, isso nunca aconteceu.

Elisa tornou-se mais uma das rosas que o vento levou para longe...

Com olhos marejados, Tia Rosa mostrou-me uma foto de Elisa menina, vestida de branco e com o sapatinho preto feito pelas mãos do avô Israel...

Como uma forma de povoar a solidão que a ausência da filha lhe causava, Tia Rosa passou a dedicar-se à cura pelas ervas. A solidão a converteu em benzedeira. Uma pessoa temida e respeitada na comunidade.

Ainda houve outro evento bastante traumático na vida da Tia Rosa, ocorrido em 1967. Um incêndio destruiu a Igreja do Rosário. Mesmo não frequentando mais a Igreja, ainda era um importante lugar para ela...

A comoção causada pelo fogo a reconectou com o que restou de sua família. A avó Antônia e a mãe Francisca já eram falecidas a essa altura. Tia Rosa sentia que não deveria mais viver tão longe de seus ancestrais.

Tia Rosa tornou-se guardiã das histórias da família.

Tia Rosa se reconectava com todas elas quando se lembrava delas.

Tia Rosa se curava quando contava histórias.





Meu convívio com a Tia Rosa não foi longo, pois, certo dia, ao retornar da escola, minha mãe estava com todas as nossas coisas empacotadas. E havia um caminhão na porta de casa. Iríamos nos mudar. Às pressas.

Meu pai não iria conosco.

Minha mãe disse que não daria tempo de nos despedir de ninguém...

Mas eu fui mais rápida que ela.

Eu corri até a casa da Tia Rosa. Eu não poderia ir embora sem me despedir dela. Eu sabia o quanto isso a machucaria.

Adentrei a casa chorando. Eu disse para ela que não queria ir embora.

Ela disse:

- Obedeça a sua mãe, menina, ela deve estar fazendo o melhor para vocês!

- Eu tenho aqui um presente para você. Abra apenas quando você estiver na sua nova morada. É apenas uma lembrança para que você nunca se esqueça das nossas conversas e das histórias que eu te contei. Também me prometa que nunca irá largar a escola.

Eu prometi que um dia voltaria para visitá-la. Mas ela disse:

- Sabemos que você não vai voltar, foram muitas que por

aqui passaram antes de você... Mas fique tranquila, eu já te contei tudo o que eu me lembrava. Tenho esperança de que essa história agora viverá em você.

- Nunca se esqueça de nós.

E eu nunca mais vi a Tia Rosa com vida.

Certamente, eu me tornei, para ela, mais uma das rosas que o vento leva...



Eu nunca me esqueci dos acontecimentos daquele ano de 1988. Foi o ano em que eu me despedi da Tia Rosa. Foi o ano em que me tornei uma rosa. Foi o ano da minha cura.

Só muito tempo depois, já adulta, eu entendi que aquele ano era importante não apenas para a família da Tia Rosa, mas para todas as pessoas negras do Brasil.

Todas nós somos herdeiras da luta por liberdade e igualdade de mulheres como Luíza, Laura, Josefina, Antônia, Francisca, Júlia, Marieta, Eugênia e tantas outras Rosas que o vento leva.

Guardiãs da memória da família, mas esquecidas com o tempo...

A Tia Rosa parecia ter muita urgência de me contar aquela história.

Ela precisava dar voz a todas aquelas pessoas que habitavam suas lembranças de toda uma vida.

Ela queria que a história da família não fosse esquecida.

Ela também não queria ser esquecida. Ninguém deseja ser esquecido, pois ser esquecido é, também, uma espécie de morte.



O tempo passou.

Eu cresci.

Não larguei a escola.

Cumpri minha promessa.

Não tive mais notícia da Tia Rosa. Também não convivi com o lado paterno da minha família. Todas essas pessoas foram levadas pelo vento na minha vida.

Mas, guardei na memória, de forma vívida, as histórias que a Tia Rosa me contou no pouco, porém intenso tempo em que convivemos.

Mas, o desejo de saber sobre a Tia Rosa sempre esteve presente.

As histórias de Tia Rosa me curaram do medo do que eu sentia em relação ao desconhecido.

O caminho que eu utilizei para me reencontrar com a Tia Rosa foi através dos documentos, porque ela me mostrou alguns fragmentos de jornal. Se eu seguisse os rastros desses fragmentos, eu poderia saber o paradeiro da Tia Rosa.

Um dos documentos que eu consegui localizar foi a certidão de óbito.

Sei que ela viveu os últimos anos na cidade do Rio de Janeiro. O documento ignorava o nome do marido. Ela tinha a obstetrícia como profissão e era uma mulher da cor preta.

Ela mudou de nome algumas vezes. Mudou de casas. Fugiu para sobreviver. Renasceu algumas vezes.

Eu gosto de imaginar que a Tia Rosa passou os últimos dias de vida numa casa simples, sentada numa cadeira na varanda, enquanto sentia o cheiro das flores que habitavam o seu jardim.



Para
saber
mais...

Glossário

Abolição

O processo de abolição da escravidão no Brasil ocorreu por meio de uma lei, assinada no dia 13 de maio de 1888. O Brasil foi o último país do continente americano a tornar extinta a escravização de seres humanos. A Abolição no Brasil foi uma conquista de muitos homens e mulheres, e não deve ser entendida como uma ação caridosa da Princesa Isabel.

Abolicionistas

Pessoas que integravam o movimento abolicionista e que defendiam o fim da escravidão. Dentre os abolicionistas brasileiros, podem ser citados nomes como: José do Patrocínio, André Rebouças, Joaquim Nabuco e Maria Firmina dos Reis.

Benedeira

Mulher com o poder da cura pelo benzimento. Pessoa que cura doenças por meio de ervas e benzimento.

Candomblé

De acordo com o Dicionário da Escravidão Negra no Brasil, candomblé é “1-nome pelo qual era conhecida, judicialmente, a ‘tralha’, os pertences, de um feiticeiro africano. 2- Culto africano às divindades africanas, os orixás. Hoje está espalhado por todo o Brasil, mas durante a escravidão foi a religião dos escravos” (MOURA, 2004, p. 81).

Carta de Alforria

Carta de liberdade. Documento legal registrado em cartório. Documento que atestava a liberdade conquistada por pessoa escravizada.

Cartilha da Infância

Livro voltado para o ensino de leitura, escrito em 1880 por Thomaz Galhardo (1855-1904).

Comunidade maometana

Grupo de escravizados e libertos seguidores de Maomé, cuja religião chama-se Islão ou islamismo.

Dia de Cosme e Damião

Nas religiões de matriz africana, o dia 27 de setembro é destinado à festa dos Ibejis. E na religião católica, o dia 26 de setembro é destinado aos santos Cosme e Damião, que eram irmãos gêmeos. No Grande Rio, o Dia de São Cosme e São Damião é celebrado com festa e distribuição de saquinhos de doces para as crianças.

Diáspora Africana

A diáspora ou dispersão de africanos para as Américas foi bastante intensificada pelo tráfico de escravizados entre os séculos XVI e XIX. Ao todo, foram trazidos aproximadamente 10 milhões de africanos para as Américas, dos quais, em torno de 40% tiveram como destino o Brasil. O que hoje identificamos como Brasil, mas que do século XVI ao início do século XIX era entendido como América Portuguesa, recebeu o maior número de africanos na diáspora e foi o último país das Américas a abolir a escravidão. Estima-se que 4,8 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil.

Escarificações

Eram parte das diferentes culturas do continente africano. Consistiam em marcas e cicatrizes nos corpos, sendo uma expressão da identidade das diferentes etnias.

Gazeta da Tarde

Jornal abolicionista fundado por José Ferreira de Menezes no ano de 1880.

Gripe Espanhola

Foi uma pandemia que aconteceu entre 1918 e 1919, deixou 50 milhões de mortos e teve os primeiros casos registrados nos Estados Unidos.

Iansã

Orixá feminino, também conhecida pelo nome de Oyá. É divindade do ar, uma das esposas de Xangô.

Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito

De acordo com a historiadora Mariza Soares (2000), “no Rio de Janeiro, os devotos do Rosário se juntaram aos de São Benedito e inauguraram sua igreja em 1725. Durante a vigência da escravidão, a Igreja do Rosário foi um importante espaço de congregação da população africana, escrava e livre que frequentava as festas de Nossa Senhora do Rosário. Em 1967, a igreja sofreu um grande incêndio, que destruiu a parte interna do prédio. Localizada na Rua Uruguaiana, número 77, no centro do Rio de Janeiro, o espaço abriga hoje um pequeno museu com objetos e documentos relativos ao tempo da escravidão e à participação da Irmandade no movimento abolicionista”.

Independência da Bahia

Foi um movimento que, iniciado em 19 de fevereiro de 1822 e com desfecho em 2 de julho de 1823, motivado pelo sentimento federalista emancipador de seu povo, terminou pela inserção da então província na unidade nacional brasileira.

Ingênuia

Criança filha de mãe escravizada, nascida após a Lei do Ventre Livre de 1871 e considerada livre.

Iorubá

Povo que ocupa parte da África ocidental, e se constitui um dos três maiores grupos étnicos da República da Nigéria. Os iorubás vivem no Oeste do país, onde se espriam para dentro do território da República do Benin até o Togo, e no Sudoeste, até a cidade de Lagos.

Irmandade dos Homens Pretos

Associações compostas por africanos e descendentes. Promoviam ajuda e assistência a enfermos e pobres.

José do Patrocínio

Abolicionista e jornalista negro, nascido na cidade de Campos (RJ) no ano de 1854.

Lei Áurea

Projeto de Lei nº 3.353, sancionado em 13 de maio de 1888, que declarava extinta a escravidão no Brasil.

Lei do Ventre Livre

Lei de 28 de setembro de 1871 a qual estabelecia que os filhos nascidos de mãe escravizada, a partir daquela data, seriam considerados livres do cativeiro.

Malungo

Companheiro; companheiro de travessia; companheiro no sofrimento.

Nação Monjolo

Grupo étnico proveniente da região Centro-Oeste do continente africano.

Ogan/Ogã

Homem que no candomblé presta relevantes serviços à comunidade-terreiro ou mesmo a especialistas rituais, como músicos etc.

Oyó

Antiga Cidade-Estado de Oyó, foi a capital política dos iorubás. O reino de Oyó ocupou parte do que hoje é a Nigéria.

Preto mina

Africanos provenientes da Costa da Mina

Revolta da Vacina

Protestos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro, em dezembro de 1904, contra a lei que tornava obrigatória a vacinação da população.

Revolta dos Malês

Insurreição ocorrida na Bahia em 1835, liderada por escravizados muçulmanos.

Rui Barbosa

Nasceu em 1849, em Salvador, Bahia. Exerceu inúmeros cargos políticos. Na condição de ministro, ordenou a queima de documentos relativos à escravidão para evitar pedidos de indenização de ex-senhores que não aceitavam o fim da escravidão.

Umbanda

De acordo com a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, Umbanda é uma “religião brasileira de base africana, resultante da assimilação de diversos elementos, a partir de cultos bantos aos ancestrais e da religião dos orixás jeje-iorubanos”.

Yankee

Palavra utilizada para se referir a pessoas nascidas nos Estados Unidos.

Referências:

CASCUDO, Câmara. *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Editora Global, 2001.

LOPES, Nei. *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*. São Paulo: Selo Negro, 2004.

MOURA, Clovis. *Dicionário da Escravidão Negra no Brasil*. São Paulo: EdUSP, 2004.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. *História da África e do Brasil Afrodescendente*. 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2017.

SCHWARCZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos*. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro, século XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

Sites:

Geledés

<https://www.geledes.org.br>

Canais no Youtube:

Conversas com Educação

Lab Afrikas

Grupo Áfricas

Cultne Acervo



A autora

Xandra Lia é parte do meu nome completo, que é Alexandra Lima da Silva. Meus amigos me chamam de Xandra ou de Alê. Quando eu era criança, minha avó postiça me chamava de “Alixandra”. Xandra Lia é, também, o nome Alixandra ao contrário. Quando criança eu gostava de criar histórias. Eu aprendi a inventar histórias antes mesmo de aprender a ler. Sou professora de História na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde coordeno um projeto de pesquisa sobre autobiografias de pessoas que viveram a dolorosa experiência da escravidão. Meu projeto de pesquisa conta com apoio da CAPES e da FAPERJ, sem os quais este livro não seria possível.



A ilustradora

Priscila Paula, 28 anos, nascida e criada em Belo Horizonte/MG. É artista visual formada em Cinema de Animação e Artes Digitais pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Também possui formação e experiência na área da moda, com ilustração e confecção. Atualmente trabalha com ilustração e animação. Ainda criança brincava de desenhar e costurava roupinhas para bonecos, mas as brincadeiras não deixaram de existir. Mais tarde, começou a explorar essa necessidade de criar e produzir coisas. Como resultado da paixão por criar, iniciou-se no ramo da moda, mas apesar de todo aprendizado adquirido na área, ainda faltava algo. Foi aí que encontrou em outra embarcação o desenho como outra forma de expressão.

Árvore Genealógica

Israel S. + Antônia Botelho
= Francisca e Israel Jr.

Francisca Antônia
+ Celestino =

Rosa

Ursulina

Maria de
Lourdes

Judith

Laura

Emma

Israelina

Sebastião

Israel Jr. +
Marietta =

Analia

Urielina

Maria
Apparecida

Òdòdó + Seye =
Ayo

Luíza + Rufino
= Israel S.

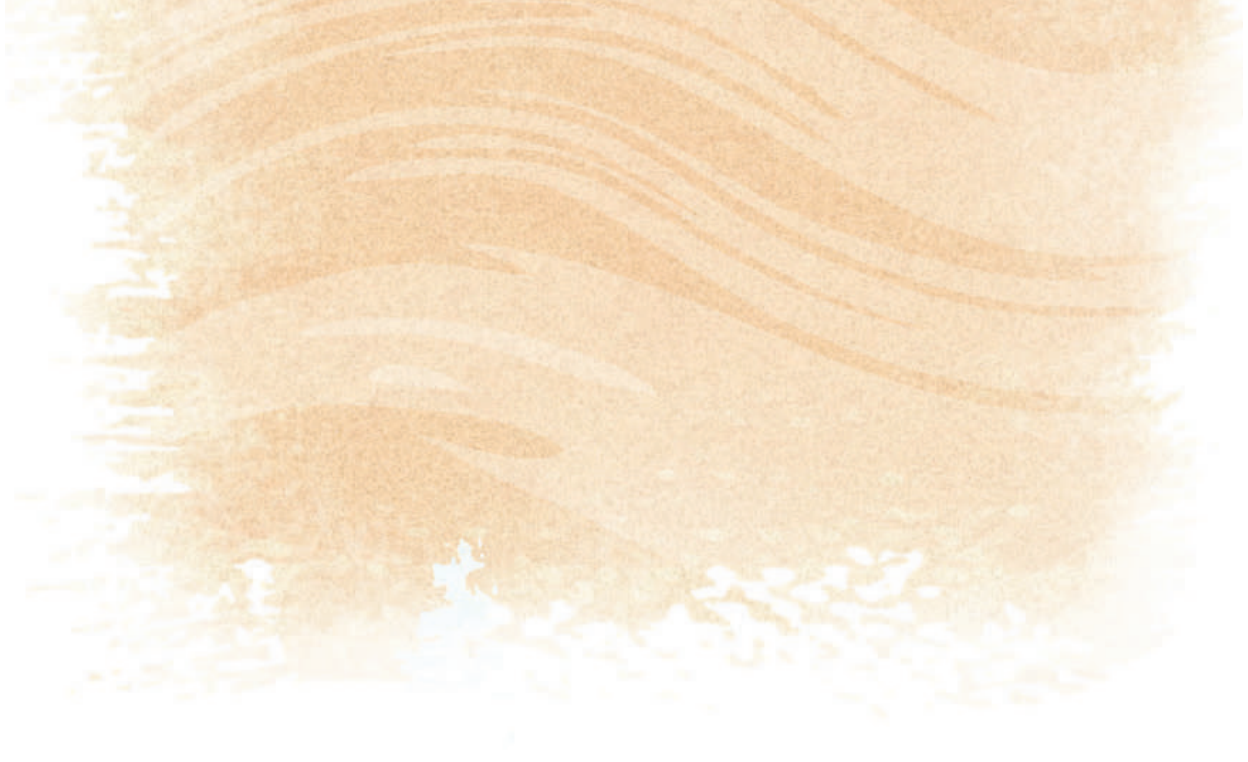
Luíza + "senhor"
= Laura

Israel S. + Josefina
= Antônio

Antônio S.
+ Júlia =

Pedro

Eugênia



Este livro foi composto em Arima Madurai, impresso o miolo
em papel LD Offset 90 e capa em papel LD Cartão 250, na Gráfica Eskenazi,
em São Paulo, em outubro de 2020.

As memórias de uma criança guardam a genealogia de uma família negra. Por meio de uma narrativa atual, Xandra Lia costura um percurso afetivo por sua memória ao trazer para jovens leitoras e leitores a possibilidade de conhecer fatos da história do Brasil vinculados à resistência da história de africanas e africanos escravizados em nosso país, além de negras e negros brasileiros ainda pouco conhecidos por nossos jovens.

FERNANDA FELISBERTO

